

Nº05
2021
2022



AMAR O MAR

REVISTA VIRTUAL DO PROJETO ALBATROZ



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS



EXPEDIENTE:

Amar o Mar - Revista Virtual do Projeto Albatroz
5ª Edição - Novembro de 2021 a Outubro de 2022
Publicada pelo Instituto Albatroz
Projeto Gráfico: Gustavo Antelmi
Edição: Juliana Justino
Diagramação: Gustavo Antelmi
Textos: Danielle Cameira
Revisão: Juliana Justino



Projeto
Albatroz
BRASIL

Patrocínio:



PETROBRAS



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



INSTITUCIONAL

Páginas 05 a 13

DESTAQUE



Projeto Albatroz comemora 32 anos com avanços em educação ambiental, pesquisa científica e políticas públicas

Entre as principais conquistas está a construção do primeiro Centro de Visitação, a ser inaugurado em Cabo Frio (RJ) - Pág. 12

PESQUISAS

Páginas 14 a 22

DESTAQUE



Observador do Projeto Albatroz avista grupo de 400 albatrozes em Cabo Frio (RJ)

Embarque com pescadores da região teve o objetivo de monitorar população de aves e entender os desafios da pesca regional - Pág. 19

POLÍTICAS PÚBLICAS

Páginas 45 a 49

DESTAQUE



Projeto Albatroz participa de workshop para discussão de protocolos sanitários da soltura de aves marinhas reabilitadas

Informações vão orientar os critérios utilizados pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap) - P. 45

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Páginas 23 a 44

DESTAQUE



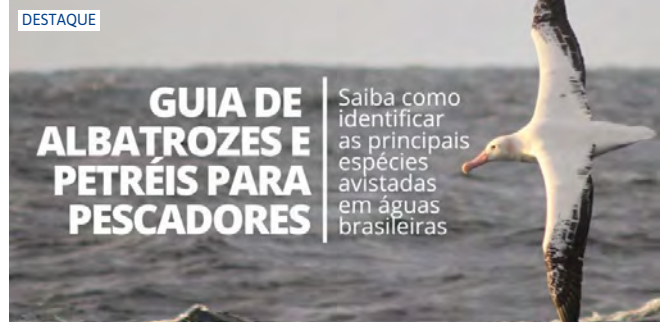
Maleta Albatroz: uma ferramenta de educação ambiental para professores

Livros, DVDs, jogos, mapas e outros materiais educativos poderão ser emprestados a escolas da Região dos Lagos - Pág. 23

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

Páginas 50 a 61

DESTAQUE



Projeto Albatroz lança guia de identificação de aves marinhas gratuito para pescadores

Pág. 50

EDITORIAL

Comemorando 32 anos de trabalho do Projeto Albatroz pela conservação de albatrozes e petréis no Brasil e no mundo, tivemos avanços importantes nessa retomada das atividades pós-pandemia. Buscando abordar temas globais sem deixar de lado a “mão na massa” local, muitas de nossas ações estiveram voltadas à temática da Década do Oceano, Cultura Oceânica e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Ampliamos nossa atuação na Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, com ações de educação ambiental para turistas, jovens, crianças e para a sociedade em geral realizadas ao longo do ano. Fortalecemos nossa parceria com as cidades da região, especialmente em Cabo Frio, onde está sendo construído o primeiro Centro de Visitação do Projeto Albatroz.

Fizemos a nossa primeira formação do Coletivo Jovem Albatroz (CJA) de forma remota, alcançando jovens de 18 a 29 anos de todo o Brasil. Uma nova turma também foi iniciada em Cabo Frio, agregando potenciais lideranças jovens locais ao nosso time. Uma das ações de destaque foi o curso para influenciadores digitais, organizado pelo CJA, e que engajou produtores de conteúdo da Região dos Lagos para disseminar a cultura oceânica para pessoas que estão fora da nossa “bolha socioambiental”.

Ainda na área da Educação Ambiental, lançamos a Maleta Albatroz: um kit cuidadosamente preparado pela nossa equipe para apoiar as atividades desenvolvidas pelos educadores no Programa Albatroz na Escola (PAE), tornando a experiência dos alunos mais rica e imersiva ao mergulharem no mundo da conservação da biodiversidade.

Realizamos diversas rodas de conversa com pescadores das colônias da Região dos Lagos para entender suas dificuldades e dinâmicas, nos aproximando desse público tão importante para as nossas atividades de

conservação em alto-mar. Nas matérias da revista, falamos sobre as particularidades de cada uma dessas comunidades e como estamos construindo essa relação.

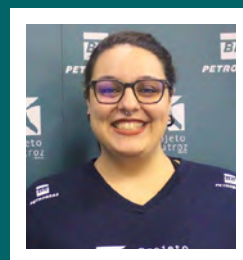
Seguimos com a nossa participação em políticas públicas nacionais e internacionais, usando o conhecimento científico como base para articular medidas que contribuam para a conservação de albatroz e petréis. Para isso, continuamos os estudos e experimentos sobre novas tecnologias para diminuir a captura incidental dessas aves pela frota pesqueira, sempre em parceria com os pescadores e buscando soluções viáveis e eficientes.

Na Rede Biomar, o principal avanço foi o lançamento do Planejamento Estratégico Integrado para 2021-2030, inserindo a Teoria da Mudança para guiar as ações dos projetos da rede na próxima década para incentivar o uso da biodiversidade de forma sustentável e melhorar o estado geral de conservação do oceano.

Nesta edição da Revista Virtual Amar o Mar, fizemos uma retrospectiva das nossas ações e mais uma vez entendemos que 2022 foi um ano de muitos desafios e ansiedades não só para o Projeto Albatroz como para todos que trabalham na área socioambiental. Terminamos esse ano de forma positiva e esperamos realizar muito mais nos próximos anos, sempre focados em melhorar a interação dos albatrozes e petréis com a pesca e garantir a sobrevivência dessas aves tão importantes para o equilíbrio do ecossistema marinho.

Juliana Justino

Editora da Revista Virtual Amar o Mar e Coordenadora de Comunicação do Projeto Albatroz



AMAR O MAR

Revista Virtual
do Projeto Albatroz
Edição 5 - 2021/2022



PROJETO ALBATROZ



Projeto Albatroz comemora 32 anos com avanços em educação ambiental, pesquisa científica e políticas públicas

Entre as principais conquistas está a construção do primeiro Centro de Visitação, a ser inaugurado em Cabo Frio (RJ)

Nascido por iniciativa de uma jovem bióloga, Tatiana Neves, durante sua pesquisa no Terminal Pesqueiro de Santos (SP), o Projeto Albatroz comemorou este mês 32 anos de trabalho pela conservação deste grupo de aves, considerado um dos mais ameaçados do planeta. Nos últimos meses, além da ampliação das ações de educação ambiental nas escolas da região Sudeste, a instituição também deu passos adiante na construção do seu primeiro Centro de Visitação, a ser inaugurado em Cabo Frio (RJ) no ano que vem.

O Centro de Visitação do Projeto Albatroz terá como objetivo principal disseminar a cultura

oceânica e também desenvolver a educação ambiental marinha para crianças, jovens, educadores, pescadores e turistas de toda a Região dos Lagos, alinhado com a Década do Oceano, que teve início em 2021.

Nele, os visitantes poderão vivenciar experiências relacionadas ao ecossistema marinho e costeiro e também a biologia e as características dos albatrozes e petréis, grupo de aves mais ameaçado do planeta. No espaço, também serão realizadas exposições tecnológicas e artísticas, oficinas e atividades socioambientais e culturais para o público.



A equipe de educação ambiental do Projeto Albatroz também testou e lançou oficialmente a Maleta Albatroz, cujo objetivo é ampliar o acesso de educadores à metodologia do Programa Albatroz na Escola (PAE) e aos materiais usados dentro de sala de aula para sensibilizar crianças e jovens de diversas idades sobre a biodiversidade e a conservação do oceano. Arraial do Cabo (RJ), Itanhaém (SP) e Guarujá (SP) foram as primeiras cidades a receber a iniciativa.



Educação Ambiental

Entre as principais ações de educação ambiental do último ano, houve a realização da primeira formação do Coletivo Jovem Albatroz (CJA) de forma totalmente remota, aberta para jovens entre 18 e 29 anos de todo o Brasil. Inspirada na temática da Década do Oceano, durante o processo de formação foi proposta e criada uma intervenção virtual, que resultou em três reels (vídeos) publicados no Instagram do Projeto Albatroz. Posteriormente, essa ação, chamada de #AfetoOceano, foi adaptada para ações presenciais em 2022.

O Coletivo Jovem Albatroz teve mais de cem jovens envolvidos em suas ações que visam a construção de novas lideranças jovens socioambientais. Para sensibilizar e orientar comunicadores sobre a temática da conservação marinha, o CJA também organizou um curso para influenciadores digitais, realizado em Cabo Frio (RJ).



Pesquisa científica

Entre as principais ações de pesquisa científica, está a expansão do trabalho de monitoramento de portos em Cabo Frio (RJ), que culminou na realização de um cruzeiro em junho deste ano. Na saída a bordo do barco Maramores, o pesquisador Gabriel Canani Sampaio avistou aglomerações de aves com mais de 400 indivíduos - ressaltando mais uma vez a relevância da Região dos Lagos para a conservação de albatrozes e petréis na costa brasileira.

Além disso, também foram realizadas rodas de conversas com pescadores da localidade, para entender as artes de pesca utilizadas, sua dinâmica e os desafios do trabalho no mar. Nessas ocasiões, os técnicos do Projeto Albatroz também apresentaram aos pescadores a problemática da captura incidental e tiraram dúvidas sobre como fazer o manejo dos animais.



Articuladores do Plano de Conservação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP) e sua coordenação participam ativamente das discussões e avanços alcançados por este grupo de trabalho desde sua criação, com a adoção das medidas mais atuais na normativa nacional que trata do assunto (Instrução Normativa Interministerial-INI nº 7/2014).

O Projeto Albatroz também realizou experimentos para testar e orientar a implementação de novas tecnologias para a mitigação da captura incidental na frota pesqueira, principalmente o Hookpod e o Hookpod-mini - dispositivos que prendem os anzóis em uma cápsula segura e só os liberam ao atingirem profundidades entre 10m e 20m, distância que dificulta os albatrozes e petréis de mergulhar e alcançar as iscas.

Políticas públicas

As políticas públicas nacionais e internacionais nas quais o Projeto Albatroz é engajado progredem com auxílio das pesquisas científicas. Para facilitar a expansão das pesquisas sobre o monitoramento em barcos pesqueiros para entender a dinâmica da pesca, a localização dos barcos e o uso de medidas mitigadoras em conformidade com a legislação atual, o Projeto Albatroz iniciou em meados de 2021 as ações na Região Nordeste.

Além disso, representantes do Brasil e do Projeto Albatroz participam das reuniões anuais da Comissão Internacional para a Conservação do Atum Atlântico (ICCAT), em especial na reuniões do Subcomitê de Ecossistemas.



Foto: Luciano Candisani



Rede Biomar anuncia planejamento estratégico para o decênio 2021-2030

Teoria da Mudança surge com o objetivo de promover uma transição para o uso da biodiversidade marinha de forma mais sustentável e melhorar o estado geral de conservação dos oceanos

A Rede Biomar lançou seu Planejamento Estratégico Integrado para o período de 2021 a 2030. O plano norteia os seis integrantes da Rede – Projeto Albatroz, Projeto Baleia Jubarte, Projeto Coral Vivo, Projeto Golfinho Rotador, Projeto Meros do Brasil e Petrobras – para que cumpram uma missão coletiva e busquem uma visão de futuro comum para a obtenção de resultados efetivos na conservação da biodiversidade marinha no Brasil. A Rede Biomar é patrocinada pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

O planejamento foi baseado na elaboração de uma Teoria da Mudança da Rede Biomar, que tem como objetivo gerar transformações socioambientais positivas, notáveis e mensuráveis para a conservação da biodiversidade marinha e promoção de um oceano sustentável. A Teoria da Mudança prevê que serão necessárias uma série de transformações ecológicas, econômicas e culturais que levem a uma transição para o uso da biodiversidade marinha de forma mais sustentável e, consequentemente, resultem na melhoria no estado geral de conservação dos oceanos.

O ponto de partida para a elaboração da teoria foi a premissa que o desconhecimento é o maior desafio para o alcance dos esforços de conservação e uso sustentável de recursos naturais. Por isso, se faz necessário e urgente o aporte de conhecimento, para que gestores ambientais possam tomar decisões responsáveis e embasadas na ciência.



Foto: Enrico Marcovaldi



A divulgação de conhecimento e a sensibilização da sociedade como um todo são tarefas primordiais do Plano Estratégico. A meta é a melhoria das condições da sociedade para atuar de maneira efetiva na conservação marinha, com uso responsável de sua biodiversidade. Para realizar uma transição efetiva para atividades que representem menor ameaça aos ecossistemas e espécies e consequente melhoria da conservação marinha, espera-se uma mudança de cenário na qual:

- 1) o público valorize e dê preferência para serviços e atitudes alinhados com a conservação e uso sustentável da biodiversidade marinha;
- 2) a sociedade tenha práticas individuais e coletivas mais sustentáveis;
- 3) ampliação do conhecimento e consciência (itens “a” e “b”), aliados a melhores decisões nas políticas públicas e na gestão ambiental, potencializem o sucesso de iniciativas sustentáveis; e
- 4) mais empreendimentos que usem recursos marinhos ou estejam junto ao mar adotem posturas e procedimentos para minimizar impactos negativos sobre o meio.



Foto: Athila Bertoni

Sensibilizar e alertar tomadores de decisão e a sociedade em geral para, através do engajamento, gerar políticas públicas mais adequadas e assertivas para a continuidade dos serviços ambientais prestados pelos oceanos, além de levar a sociedade a rever padrões e modelos de produção e consumo que pratica. Assim, deve-se suprir lacunas de conhecimento (pesquisa e monitoramento) e de disseminação do conhecimento (educação e divulgação científica).

Para o novo decênio, e a fim de garantir a efetividade das ações no longo prazo, foram definidos eixos estratégicos de atuação: geração de conhecimento, conscientização, socioeconomia, impacto social, políticas públicas, conservação, além de eixos complementares de reputação, relacionamento e



transformação digital.

Práticas e modelos de negócios e empreendimentos que valorizem o ambiente marinho e sua biodiversidade devem ser estimulados no setor produtivo, seja no ramo do turismo, na pesca, ou em outros usos do ambiente costeiro e marinho, como por exemplo a ocupação da orla.

O decênio deste planejamento coincide com a Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030), que representa um dos grandes elementos inspiradores desse plano. Outros importantes norteadores são os Planos de Ação Nacionais para a Conservação da Biodiversidade (PANs/ICMBio), a Agenda 2030 (agenda de direitos humanos das Nações Unidas) e seus Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o próprio Programa Petrobras Socioambiental, alinhado à Política de Responsabilidade Social da empresa.



Rede Biomar apresenta plano para conservação do oceano durante conferência da ONU em Portugal

Projeto Albatroz participou da apresentação do Planejamento Integrado da Rede Biomar para 2021 a 2030

Entre os dias 27 de junho e 01 de julho, líderes mundiais, organizações de proteção e conservação marinha, e representantes da academia de todo o mundo se reuniram em Portugal para debater sobre o presente e o futuro de nosso planeta, na Conferência dos Oceanos das Nações Unidas.

Representando o Brasil, a Rede de Conservação da Biodiversidade Marinha (Rede Biomar) - coordenada pela Petrobras e formada por cinco dos maiores projetos de conservação do Oceano do país, os projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, todos apoiados pela Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental - participaram da programação paralela (side events) da conferência para apresentar as diretrizes de seu Planejamento Estratégico Integrado para a próxima década. O evento online foi transmitido ao vivo, com a presença de representantes dos Projetos Meros e Jubarte, diretamente de Lisboa, e dos demais projetos e da Petrobras remotamente, no Brasil.

A Conferência dos Oceanos das Nações Unidas reuniu a comunidade internacional para debater questões críticas sobre a saúde dos Oceanos, como

poluição marinha, conservação e restauração de ecossistemas, pesca sustentável e alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial, o número 14 - Vida na Água, que está ligado diretamente a preservação dos mares e a do Oceano. O objetivo é incentivar decisores mundiais a aumentarem a ambição, mobilizarem parcerias e ampliarem o investimento em abordagens científicas e inovadoras, além de empregar soluções baseadas na natureza para reverter os efeitos da degradação do nosso Oceano global.

Alinhada a essas diretrizes, a Rede Biomar apresentou seu Planejamento Estratégico Integrado com o intuito de ressaltar a conectividade e as ações que movem os projetos com vista à saúde do Oceano e das espécies. “Esta é também uma oportunidade de revelar o nosso legado de vida, de trabalho e a nossa missão: o cuidado com as espécies não humanas, todos os seres que compartilham conosco a mesma existência”, destaca Maíra Borgonha, gerente geral do Projeto Meros do Brasil.

O Planejamento foi baseado na elaboração de uma Teoria da Mudança da Rede Biomar, que

identifica transformações socioambientais positivas, notáveis e mensuráveis que precisam ser geradas para a conservação da biodiversidade marinha e promoção de um Oceano sustentável. A Teoria da Mudança prevê que será necessária uma série de transformações ecológicas, econômicas e culturais que levem para uma interação mais sustentável da ação humana em face da biodiversidade marinha que resultem na melhoria no estado geral de conservação do Oceano.

Para o novo decênio, foram definidos eixos estratégicos de atuação: geração de conhecimento, conscientização, socioeconomia, impacto social, conservação, além de eixos complementares de reputação, relacionamento e transformação digital. Para isso, é essencial sensibilizar e alertar tomadores de decisão e a sociedade em geral para, através do engajamento, gerar políticas públicas mais adequadas e assertivas para a continuidade dos serviços ambientais prestados pelo Oceano, além de levar a sociedade a rever padrões e modelos de produção e práticas de consumo.

“O nosso profundo desejo de unidade entre seres humanos e natureza é manifesto aqui nesse espaço e tempo. Esse é o nosso presente, o nosso agora: inspirar pessoas a tornarem-se defensoras das espécies e da vida, de todas as formas de vida. Que esse seja o futuro, e que ele comece agora”, comenta Maíra.

De acordo com Peter Thomson, enviado especial da ONU para a Conferência dos Oceanos, a principal expectativa do encontro esteve nos eventos paralelos. “Em Lisboa, queremos estimular, fora do processo formal, a inovação e o entusiasmo de novas ideias. Isso acontece nos eventos paralelos. Estou muito confiante de que haverá esse tipo de inovação visível, fruto da atmosfera que é criada em torno do núcleo central da conferência.”

Inspirar pessoas a tornarem-se defensoras das espécies e da vida, de todas as formas de vida.



SOBRE A REDE BIOMAR - Referência em ações de conservação em todo o Brasil, a Rede Biomar nasceu do empenho em otimizar os esforços institucionais, visando a obter excelência em projetos de biodiversidade marinha. Os Projetos convergem conhecimentos e

experiências para a realização de ações conjuntas e são atuantes na proteção de espécies e ecossistemas marinhos brasileiros.

Juntos, nos primeiros 10 anos, os Projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil já envolveram mais de 9 milhões de pessoas em ações de sensibilização e educação ambiental; produziram mais

de 720 publicações técnicas e científicas; apoiaram a elaboração e execução de seis Planos de Ação Nacionais; participaram de mais de 2.230 fóruns nacionais e internacionais e geraram mais de 7.670 matérias na mídia que fortalecem a importância desse trabalho.



Gerências do Campo de Búzios e da Responsabilidade Social da Petrobras visitam Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ)

Apresentações abordaram os trabalhos de pesquisa, educação ambiental e a proposta do Centro de Visitação do Projeto Albatroz para a Região dos Lagos, além de visita guiada à obra e plantio de mudas

Com grande biodiversidade marinha e área de interesse nacional para a conservação de albatrozes e petréis, a Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, conta desde 2014 com uma base avançada do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras. Para apresentar detalhes das atividades de pesquisa e educação ambiental realizadas na cidade de Cabo Frio (RJ), a instituição recebeu a visita das Gerências do Campo de Búzios e da Responsabilidade Social da Petrobras no mês de abril.

O grupo se reuniu com os coordenadores do Projeto Albatroz na Universidade Veiga de Almeida (UVA), que é parceria da instituição nas ações de pesquisa e monitoramento portuário. Na ocasião, Caio Azevedo Marques, gerente científico do Projeto Albatroz, explicou a problemática da captura incidental das aves, sua distribuição e biologia, além de detalhar a relevância da Região dos Lagos para a conservação das espécies de

albatroz que visitam a costa, com destaque para os albatrozes-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*).

Também foi apresentado o trabalho de monitoramento dos portos de pesca, a sensibilização e educação ambiental com pescadores da frota semi-artesanal da Região dos Lagos, realizada por meio do Núcleo Albatroz de Estudos Aplicados e Cultura Oceânica (NuAlba-Oceano).

A gerente de educação ambiental da instituição, Cynthia Ranieri, detalhou as principais iniciativas realizadas em parceria com as secretarias de educação dos municípios vizinhos, como: Programa Albatroz na Escola (PAE), sessões de contação de histórias, a criação da Maleta Albatroz de materiais educativos e, no ano passado, o apoio do voluntariado Petrobras para a entrega de kits de livros sobre a biodiversidade marinha para as escolas de Cabo Frio.

Responsável por liderar o Coletivo Jovem Albatroz (CJA), a educadora Thaís Lopes explicou o funcionamento do grupo que, desde 2015, já formou mais de cem jovens lideranças para a conservação marinha e, pela primeira vez, conta com ações no território da Região dos Lagos. Integrantes da nova turma, formada este ano, também estiveram na apresentação.

A Gerente de Projetos da instituição, Beatriz Gago, apresentou também o projeto do Centro de Visitação do Projeto Albatroz, que será um importante local turístico e de sensibilização sobre a biodiversidade marinha na Região dos Lagos, uma área de interesse nacional para a conservação de albatrozes e petréis. Além disso, o centro tem o objetivo de aprofundar a relação com os jovens e integrantes das comunidades pesqueiras locais por meio de ações, oficinas e formações que já estão sendo desenvolvidas na região por meio do Nualba-Oceano e Coletivo Jovem Albatroz.

instalações de salas de aula, espaços para realização de atividades, pavilhão de eventos, trilha autoguiada e muito mais.



Para envolver a equipe da patrocinadora nas atividades, foi realizado o plantio de mudas de aroeira, árvore característica da região. O Coletivo Jovem Albatroz participou da atividade.



Saídas de campo

A visita foi marcada pelas saídas de campo com a equipe da Petrobras para conhecer dois locais: o terreno de obras do Centro de Visitação e uma atividade especial do Programa Albatroz na Escola na E. M. Evaldo Salles.

O primeiro centro de visitação do Projeto Albatroz está sendo construído em uma área de mais de 18 mil m² ao lado do Dormitório das Garças, na Lagoa de Araruama. O local é cercado de áreas de mangue e proteção ambiental, e contará com



A visita da gerência também contou com a participação em uma ação do Programa Albatroz na Escola para a primeira infância, com contação de histórias e atividades lúdicas de educação ambiental. O PAE foi criado em 2011 e, de lá para cá, já envolveu mais de 30 mil pessoas e ultrapassou o atendimento a 2.500 professores.

PESQUISAS

Edição especial da Albatalks discute o impacto das mudanças climáticas na conservação de albatrozes e petréis

Transmissão ao vivo foi realizada em homenagem ao Dia Mundial do Albatroz



A terceira edição do Dia Mundial do Albatroz, comemorado em 19 de junho, escolheu como tema um assunto que ganha cada vez mais importância na conservação de espécies oceânicas: os impactos causados pelas mudanças climáticas. Por isso, o Projeto Albatroz reuniu pesquisadores e membros da sua equipe para abordar o tema e responder perguntas em uma edição especial da Albatalks. A transmissão ao vivo está disponível na íntegra no canal do YouTube.

Liderada pelo coordenador científico da instituição, Caio Azevedo Marques, a transmissão ao vivo também contou com a presença de Lucas Krüger, pesquisador do Instituto Antártico Chileno especializado em aves marinhas e de Patrícia Serafini, médica veterinária do CEMAVE/ICMBio, e

colaboradora no Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP).

Como não é possível falar sobre Dia Mundial dos Albatrozes sem explicar as ameaças a que estão sujeitas estas, que são as espécies de aves mais ameaçadas do mundo, eles explicaram a dinâmica da pesca em alto-mar, como ocorrem as interações com os barcos de pesca e as medidas mitigadoras utilizadas para proteger os animais da captura incidental.

Porém, eles destacaram que a captura incidental não é a única ameaça que precisa ser levada em conta no trabalho para a conservação destas espécies. Além da poluição do oceano por lixo plástico, as mudanças climáticas e seus impactos também precisam ser levados em conta.

O coordenador científico do Projeto Albatroz, Caio Azevedo Marques, abordou alguns dos dados divulgados pelo Acordo Internacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) este ano: 38% das espécies de albatrozes estão ameaçadas pelas consequências das mudanças climáticas,

ASSISTA: www.youtube.com/@ProjetoAlbatroz

como eventos climáticos extremos e elevação do nível do mar; o perigo do aumento do nível do mar em atóis, colocando ninhos de albatrozes em risco; aumento da taxa de divórcio em albatrozes como consequência ao estresse relacionado ao clima, entre outros.

Ele destacou a importância das condições climáticas na vida das aves: “enquanto nós utilizamos instrumentos e convenções para guiar nossa interpretação do tempo, as aves utilizam fatores ambientais, que guiam as atividades do seu ciclo de vida. Quando há alterações nesses padrões, existe impacto”, explicou.

Complexidade de impactos

Lucas Krüger, que é pesquisador do Instituto Antártico Chileno, destacou em sua fala que mais de 60% das espécies de albatrozes estão ameaçadas de extinção e o impacto das mudanças climáticas é bastante complexo. Como as aves oceânicas são especialmente suscetíveis a esses efeitos, ele salientou a importância da realização de pesquisas científicas que possam subsidiar estratégias de conservação em nível global.

“As mudanças climáticas, em termos de impacto nos oceanos, são um dos principais fatores de mudanças ambientais nesses ecossistemas”, explica. “No caso dos albatrozes, em particular, existe uma variação muito grande entre populações, que a depender de sua localização, podem sofrer diferentes impactos. Em aves marinhas de uma forma geral, o principal efeito negativo das

mudanças climáticas seria a mudança na distribuição dos recursos. A mudança na distribuição dos recursos alimentares utilizados pelas aves pode dificultar que eles sejam capazes de alimentar seus filhotes, levando à redução do sucesso reprodutivo”, finaliza.

Krüger também analisou o impacto positivo das mudanças climáticas na velocidade dos ventos e na possibilidade dos albatrozes percorrerem maiores distâncias em busca de alimento, economizando energia: “existem vários fatores que podem levar uma população a ser afetada positiva ou negativamente por essas mudanças”, observa.

Pesquisa e políticas públicas

Médica veterinária do CEMAVE/ICMBio e colaboradora do Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis (BAAP), Patrícia Serafini falou durante a transmissão ao vivo sobre as ações de governança nacional e internacional para proteger esse grupo de aves dos impactos cumulativos das mudanças climáticas. Ela destacou o trabalho do ACAP em nível global, e do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP) em nível local, para a criação de metas e ações que visem minimizar a mortalidade das aves.

Ela também destacou a importância de comemorar essa data mundial em parceria com órgãos gestores e pesquisadores de todo o mundo: “temos orgulho de lembrar que a sementinha para a criação do Dia Mundial do Albatroz foi plantada aqui no Brasil, em Florianópolis (SC), durante um encontro do ACAP”.



Espécie símbolo do Projeto Albatroz, albatroz-de-sobrancelha-negra reabilitado é solto em Florianópolis (SC)

Ação de soltura da Associação R3 Animal contou com a participação do Projeto Albatroz



Foto: Emanuel Ferreira



Após três semanas em reabilitação, um albatroz-de-sobrancelha (*Thalassarche melanophris*) foi devolvido à natureza no dia 25 de agosto, próximo à Ilha do Xavier, em Florianópolis (SC). A soltura embarcada contou com a presença da equipe do Projeto Albatroz.

O albatroz havia sido resgatado pela equipe da R3 Animal após acionamento via Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos (PMP-BS) na Praia da Armação, no dia 31 de julho. Ao dar entrada no CePRAM/R3 Animal, a ave estava magra, extremamente desidratada e com a presença de parasitas na parte exterior do corpo. O albatroz foi medicado, passou por exames complementares, e ficou sob os cuidados da R3 Animal até que foi considerado apto para soltura.

Soltar um albatroz reabilitado com sucesso é sempre momento de alegria, pois são aves oceânicas e muito sensíveis ao manejo. Mas para a fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, o momento foi algo inesquecível.

“Foi mágico! Mesmo após 33 anos dedicando minha vida à conservação dessas aves oceânicas magníficas, eu nunca havia tido a oportunidade de soltar um albatroz vivo com as minhas próprias mãos”, comemora. “Precisamos exaltar a importância do trabalho da R3 Animal feito através do PMP-BS, de todas as instituições que

reabilitam aves, quelônios e mamíferos marinhos na costa brasileira. É um trabalho de excelência, do qual temos muito orgulho”.

Parceria pela conservação

O Projeto Albatroz e a R3 Animal são parceiros de 2018, quando foi inaugurada oficialmente a base avançada de pesquisas da instituição em Florianópolis, nas dependências da R3 Animal. O trabalho em conjunto com o CEMAVE/ICMBio se deu para a viabilização do Banco de Amostras Biológicas de Albatrozes e Petréis (BAAP), que realiza o intercâmbio de materiais e informações entre instituições (universidades, grupos de pesquisa, entre outros) maximizando o aproveitamento das amostras, destinando as carcaças dos animais para coleções ornitológicas e convertendo todas as amostras em fonte de dados para os pesquisadores interessados.

Atualmente, o BAAP reúne mais de 6.300 amostras de 38 espécies diferentes de albatrozes e petréis e já colaborou com quatro projetos de pesquisa, dois deles internacionais. As buscas por amostras biológicas acessadas no acervo do BAAP são diretas, assim como o acesso às informações das amostras alojadas em outras instituições parceiras, que compartilham suas informações. É possível pesquisar as amostras disponíveis no site.

SITE:

baap.org.br

Albataalks ressalta o papel da ciência da conservação de albatrozes e petréis



A equipe técnica apresentou as principais ações realizadas pelo Projeto Albatroz para promoção de pesquisas científicas, a relevância do BAAP para o intercâmbio de dados para estudos sobre aves marinhas. Também foram discutidos os papéis dos acordos nacionais e internacionais de conservação, instâncias máximas de discussão e planejamento de ações para conservação que colaboram de forma sinérgica com as instituições tomadoras de decisões sobre estratégias de conservação.

No Dia Mundial da Ciência, equipe técnica do Projeto Albatroz abordou as principais ações que permitem o aprimoramento das estratégias de conservação de aves marinhas oceânicas

A pesquisa científica tem um papel essencial no progresso de áreas como a saúde, a tecnologia e também a conservação ambiental. Comemorado em 24 de novembro, o Dia Mundial da Ciência foi escolhido pelo Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, para uma edição especial da Albataalks com o objetivo de discutir um tema relevante para profissionais e estudantes das áreas ambientais: o papel da ciência na conservação de albatrozes e petréis. A transmissão ao vivo está disponível na íntegra no canal do YouTube.

www.youtube.com/@ProjetoAlbatroz

Capitaneada pelo gerente de pesquisa científica da instituição, Caio Marques, a Albataalks também contou com a participação dos seguintes convidados: Augusto Silva Costa, consultor técnico da base de Itajaí (SC); Alice Pereira, consultora responsável pelo Banco Nacional de Amostras de Albatroz e Petréis (BAAP); e o consultor técnico da base de Rio Grande (RS), Gabriel Canani Sampaio.



Embarques e monitoramento

Desde o início da história do Projeto Albatroz, a construção de um relacionamento de confiança e amizade entre pesquisadores e pescadores permite que os cientistas tenham acesso a dados sobre captura incidental e ocorrência de espécies de albatrozes e petréis na costa brasileira, imprescindíveis para entender os impactos da interação com a pesca e o desenvolvimento de medidas de mitigação.

Caio Marques, Augusto Silva Costa e Gabriel Canani explicaram na transmissão ao vivo a importância destes dados reportados de forma voluntária pelos pescadores e a oportunidade de embarcar com eles em cruzeiros de pesca para observar e identificar aves em alto-mar. Eles já foram membros do programa Albatross Task Force, uma força-tarefa global de observadores/instrutores de bordo da Birdlife International, com o objetivo de coletar dados sobre espécies de albatrozes e petréis e desenvolver pesquisas para aprimoramento das medidas mitigadoras da captura de aves.



Estes dados e pesquisas, por sua vez, embasam a tomada de decisões de órgãos e acordos nacionais e internacionais, responsáveis pela estratégia de conservação deste grupo de aves, considerado o mais ameaçado do planeta.

Acordos nacionais e internacionais

Entre os diversos acordos que visam a proteção de espécies de albatrozes e petréis, os pesquisadores ressaltaram a importância de dois: o Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (PLANACAP) e o Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP).

O primeiro deles contempla sete espécies de albatrozes e petréis ameaçadas de extinção segundo a Portaria MMA nº 444/2014, além de outras cinco contempladas no Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis, da Convenção sobre Espécies Migratórias - ACAP/CMS. O Projeto Albatroz e o ICMBio fazem a gestão compartilhada do PLANACAP, coordenando ações e

pesquisas que representam as ações brasileiras no ACAP, do qual o Brasil é signatário ao lado de outros 13 países.

De forma integrada, as pesquisas realizadas no Brasil contribuem para o melhor entendimento do panorama da captura incidental e norteiam a tomada de decisões para uma estratégia de conservação global destas espécies.



BAAP e pesquisa científica

Criado em 2018 em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE/ICMBio) e a R3 Animal, o Banco Nacional de Amostras de Albatrozes e Petréis integra coleções de materiais biológicos de aves marinhas de mais de dez instituições, com o objetivo de fomentar a pesquisa científica sobre albatrozes e petréis para pesquisadores do Brasil e do exterior. Previsto nas ações do PLANACAP, ele reúne mais de 6300 amostras de 38 espécies diferentes de albatrozes e petréis, desde tecidos e penas, até amostras patológicas, sanguíneas etc.

Responsável pelo BAAP, a consultora técnica da base de Florianópolis, Alice Pereira, explicou a relevância das amostras padronizadas e catalogadas neste banco para facilitar o acesso à dados para pesquisas dos mais diversos níveis. Com mais pesquisas sobre albatrozes e petréis, é possível contribuir com informações valiosas para a criação de estratégias de conservação locais e globais. Para consultar o acervo do BAAP e solicitar amostras, basta acessar:

SITE: baap.org.br

Observador do Projeto Albatroz avista grupo de 400 albatrozes em Cabo Frio (RJ)

Embarque com pescadores da região teve o objetivo de monitorar população de aves e entender os desafios da pesca regional



No mês em que foi comemorado o Dia Mundial do Albatroz, nada poderia ser mais auspicioso do que avistar um grupo de 400 albatrozes na costa da cidade de Cabo Frio (RJ), na Região dos Lagos, onde o Projeto Albatroz está construindo seu primeiro centro de visitação. O pesquisador Gabriel Canani Sampaio, doutorando do Laboratório de Aves Aquáticas e Tartarugas Marinhas da FURG, e colaborador do Projeto Albatroz embarcou com os pescadores do barco 'Maramores' para realizar atividades de monitoramento em alto-mar.

O objetivo da viagem era entender a dinâmica da pesca industrial de pequena escala da região, cuja captura-alvo são espécies de peixes pelágicos como o dourado, a dinâmica do uso do petrecho de pesca conhecido como "linha de mão", quantificar as aves seguidoras e identificar qual o potencial de interação dessas aves com a pescaria, para o direcionamento de pesquisas para conservação marinha.

O resultado da saída de campo foi positivo: a produção foi de quatro toneladas de peixes, mais de 400 aves avistadas e documentadas,

estreitamento de laços com os pescadores e, apesar de evidências de interações com a pescaria, nenhuma ave foi fisgada.

Os grupos de aves registradas por Gabriel Canani Sampaio foram bastante diversificados: albatrozes-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*), albatrozes-de-nariz-amarelo (*Thalassarche chlororhynchos*) e também outras espécies menores de pardelas como o bobo-grande-de-sobre-branco (*Ardenna gravis*). Esta última espécie era especialmente encontrada próxima aos barcos, tentando se alimentar das sardinhas usadas como isca viva, na hora do recolhimento da linha com anzol. "Existe este potencial de interação porque essas aves são oportunistas, são corajosas e tentam se alimentar de iscas e descartes da pesca", explica o pesquisador. "É para minimizar os riscos dessas interações que existem as medidas mitigadoras da captura incidental".

Ele destaca que é importante monitorar essas interações com os animais vivos, porque geralmente na pesca de espinhel eles morrem afogados e já são recolhidos mortos. E a interação com a ave viva, comum em artes de pesca com vara ou linha de mão, por exemplo, torna necessária a capacitação de pescadores para que conheçam técnicas de manejo que previnam homens e animais de se ferirem nesse encontro.

Pesquisas e tecnologia

De acordo com o pesquisador, que já realizou outros embarques na Região Sul e Sudeste, trabalhar a bordo desses barcos pesqueiros é essencial para identificar desafios do trabalho em alto-mar e buscar soluções eficazes para a conservação.

Nos embarques, são colhidos dados como produção pesqueira, abundância e diversidade de aves ao longo do tempo e potencial de interação entre aves e pesca. “Quando a gente viaja a bordo dos cruzeiros de pesca, entendemos como a pescaria funciona, onde ela ocorre e o potencial de captura das aves na região”, explica. “Dessa forma, nós podemos traçar estratégias de avaliação de risco, ou de mitigação, porque podemos entender que tal área é mais ou menos importante para monitorar a interação com as aves”.

Ele destaca que fazer este trabalho na região de Cabo Frio (RJ) é ainda mais importante devido à característica oceanográfica única do local: a ressurgência. “Por conta da formação geológica do oceano, o vento forte presente na região arrasta a água quente da superfície, que é menos densa, permitindo que a água fria e rica em nutrientes aflore das maiores profundidades”, detalha. “É como se adubasse a água da região com nutrientes, fazendo com que haja uma alta produtividade, tornando-se

bastante atrativa para peixes, aves e outros animais marinhos”.

Parceria com pescadores

Característica marcante do Projeto Albatroz desde sua criação, em 1990, a parceria com os pescadores permite que se estabeleça uma relação de troca de informações, experiência e também confiança para a proteção da biodiversidade marinha. O embarque no Maratões, comandado pelo mestre Ebinho, foi o primeiro realizado neste tipo de pescaria, marcando o início de um trabalho que só tem a crescer.

“Existe a ideia de que o observador pode atrapalhar a pescaria e alterar a dinâmica social dentro dos barcos. Quando conseguimos embarcar e provar que a gente quer aprender, trocar e fazer parte daquele processo, nos aproximamos da comunidade pesqueira como um todo e nos permite somar, criando práticas e dispositivos que são bons para todos”.



Coletivo Jovem Albatroz é ponto de partida para seguir carreira na área ambiental

Dois integrantes das últimas turmas começaram a atuar junto aos projetos Coral Vivo e Golfinho Rotador



O Coletivo Jovem Albatroz (CJA), espaço de formação de jovens lideranças para a conservação marinha, já formou mais de cem integrantes desde 2015 com atividades de educação ambiental, educação, comunicação, captação de recursos e outros assuntos que são essenciais para um profissional completo da área de meio ambiente. Recentemente, dois egressos das atividades do CJA foram convidados a se juntar a dois projetos de conservação marinha que, assim como o Projeto Albatroz, também são patrocinados pela Petrobras: Coral Vivo e Golfinho Rotador.

A primeira delas foi Ana Carolina Moretto Ribeiro, de 25 anos, formada em Ciências do Mar pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ela entrou para o Coletivo Jovem Albatroz em 2020, para participar do curso 'Da distopia à utopia - a arte como linha de reflexão/ação', realizado de forma virtual. Na formação, foi preciso aliar os conhecimentos técnicos à arte e às reflexões sobre temas ligados ao meio ambiente para pensar em soluções para promover mudanças na realidade.

Depois do curso, ela se manteve envolvida com as atividades do Projeto Albatroz, apoiando atividades do Programa Albatroz na Escola (PAE), participando de eventos, contações de histórias

e outras ações, entre elas o Encontro Jovem Mar, realizado de forma remota com juventudes dos demais projetos integrantes da Rede Biomar - como o Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil. "Mesmo à distância, eu pude me aproximar de jovens e profissionais de outras localidades, participando de dinâmicas e refletindo junto com eles sobre temas desafiadores na questão ambiental", lembra.

No ano passado, o CJA possibilitou que ela conhecesse de perto a criação pedagógica, da formação 'Década do Oceano: a juventude na transformação da sociedade', na qual participou como equipe pedagógica, colaborando na elaboração da estruturação do curso e em algumas facilitações de atividades.

Com a virada do ano, chegou também uma virada de carreira. Direto de Fernando de Noronha veio uma proposta para que ela integrasse a equipe de pesquisa e monitoramento do Projeto Golfinho Rotador. Desde fevereiro, ela trocou o litoral de São Paulo pela Baía dos Golfinhos, fazendo a contagem dos animais, análise de comportamento, interação com embarcações e outros estudos. "A experiência no CJA foi bastante produtiva, mesmo virtualmente, porque conversávamos muito e conseguimos trabalhar um pouco essa angústia que temos em relação ao mundo de forma colaborativa", afirma.

Extensão universitária e pesquisa

Formado pelo mesmo curso na Unifesp, Thales Vidal, de 23 anos, se juntou ao Coletivo Jovem Albatroz no ano passado para participar da formação sobre a Década do Oceano, com a produção de roteiros, edição e planejamento da ação #AfetoOceano, disponível no Instagram do Projeto Albatroz, que também contou com uma adaptação para intervenções nas praias. Segundo ele, os aprendizados do curso contribuíram não só para a sua formação profissional, mas também para o

seu desenvolvimento pessoal. “É um curso que te faz refletir durante as dinâmicas, com atividades artísticas e criativas que me fizeram ver as coisas de um ponto diferente. O CJA também abre várias portas na profissão, porque começamos a interagir e conhecer jovens com o mesmo desejo de gerar mudanças ambientais nos organizando e criando intervenções em conjunto”, conta.

Após a primeira formação, participou da intervenção ‘Maré de Utopias’, que contou com uma formação sobre coletivos jovens de meio ambiente para o Coletivo Paranã, de Ubatuba (SP); ações de educação ambiental com as crianças da ONG Gaiato; e a criação de uma instalação artística a partir da palavra ‘presente’, que significa a realidade do oceano que representando ao mesmo tempo o agora e o legado que seria deixado para as próximas gerações da conservação.

Com as experiências no CJA, voluntariado em outras instituições ambientais, trabalho de monitoramento em Alcatrazes e recente aprovação para cursar mestrado na Universidade Federal de Pernambuco, Thales partiu em fevereiro para um novo desafio: o ProEX, ou programa de extensão universitária do Projeto Coral Vivo. O ProEX consiste em uma imersão de 23 dias nas atividades do projeto, com ações de sensibilização, conversas com coordenadores da

instituição e monitores e participação em projetos de pesquisa.

“Participar de projetos enquanto estagiário ou voluntário é algo sempre positivo, pois além da experiência acumulada, essas instituições sempre acabam abrindo portas profissionais muito interessantes para nós”, finaliza.

Inspiração para seguir carreira

A educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Thaís Lopes, explica que um dos resultados mais interessantes das ações do grupo é a inspiração que trajetórias como as de Thales e Ana Carolina trazem para os integrantes do CJA. “O coletivo é um espaço de formação de lideranças justamente para trabalhar na conservação, então se os jovens que saem do CJA estão indo para outras instituições, isso mostra que o nosso trabalho está sendo cumprido, pois estamos conseguindo colaborar na formação de novos profissionais”, explica.

Ela relembra que sua própria trajetória profissional começou dentro do CJA: “em 2015, o coletivo foi a minha escola de educação ambiental, onde eu tive meu primeiro contato profissional com o tema, abrindo portas para que eu pudesse trabalhar também em outras instituições e depois voltar para “casa””.

O coletivo é um espaço de formação de lideranças justamente para trabalhar na conservação.



PROJETO ALBATROZ

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maleta Albatroz: uma ferramenta de educação ambiental para professores



Livros, DVDs, jogos, mapas e outras materiais educativos poderão ser emprestados a escolas da Região dos Lagos

Com o objetivo de ampliar o alcance das ações de educação ambiental do Programa Albatroz na Escola (PAE), o Projeto Albatroz criou uma nova ferramenta para envolver professores e alunos em atividades com a temática da conservação marinha: a Maleta Albatroz. Ela foi apresentada pela primeira vez a um grupo de educadores na Escola Municipal Adolpho Beranger Jr, em Arraial do Cabo, na Região dos Lagos.

A Maleta Albatroz contém ferramentas que vão ajudar os educadores a desenvolver as atividades do PAE em sala de aula de forma

independente, complementando o ensino formal. Os materiais da maleta foram desenvolvidos pela equipe de educação do Projeto Albatroz nos últimos dez anos e são os mesmos utilizados nas atividades do Programa Albatroz na Escola: Jogo do Albatroz de tabuleiro, protótipo de ovo de albatroz em tamanho natural, modelo de anzol como hookpod (dispositivo para mitigação da captura acidental na pesca), painel de envergadura, DVD com episódios da Albatrupe, livro do Projeto Albatroz, mini mapa da rota dos albatrozes ao redor do mundo, jogo A Viagem dos Albatrozes, entre outros.

O primeiro encontro com o grupo de educadores de Arraial do Cabo (RJ) teve o objetivo de apresentar a iniciativa da Maleta Albatroz, dando a eles a chance de experimentar os



materiais sob a orientação da equipe de educação ambiental, discutir dúvidas e sugestões, além de refletirem sobre como é possível criar novas formas de aplicar atividades sobre o tema com os estudantes.

A apresentação da maleta contou com a participação mais de 16 pessoas, entre membros da educação ambiental da Secretaria de Meio Ambiente do município, representantes da Secretaria de Educação, Sea Sheperd e Resex Mar de Arraial do Cabo (ICMBio), com a qual o Projeto Albatroz deu início a uma parceria para atuação na cidade.

Como funciona?

A ideia da criação da Maleta Albatroz, segundo a coordenadora do Programa Albatroz na Escola na região (PAE), Paula Montenegro, é que cada vez mais instituições de ensino possam ter acesso aos materiais de educação ambiental do Projeto Albatroz para complemento das atividades em sala de aula,

além de contarem com a orientação dos educadores ambientais da instituição.

Segundo ela, as escolas interessadas em receber a Maleta Albatroz deverão primeiro aderir ao PAE enviando um e-mail para eadalbatroz@projetoalbatroz.org.br e realizar sua capacitação. Em seguida, poderão solicitar a maleta ao Projeto Albatroz para uso por um período pré-determinado.

“Acreditamos que a nossa maleta será uma importante aliada para a inclusão da temática ambiental nas instituições de ensino da região, ajudando a sensibilizar a primeira infância sobre a importância da conservação marinha na região onde mora e também a incrementar o aprendizado dentro de sala de aula”, afirma.

Para saber mais sobre o PAE, acesse:

PAE: www.projetoalbatroz.org.br/...



Albataalks discute a importância da arte-educação na formação de jovens ambientalistas



Transmissão ao vivo no YouTube contou com a participação de integrantes do Coletivo Jovem Albatroz e do Projeto Somos do Mar

O principal fio-condutor das ações de educação ambiental e formação de lideranças jovens para o meio ambiente, a arte-educação é uma disciplina que usa a linguagem expressiva e criativa como forma de acessar o conhecimento e a reflexão. Para discutir o impacto da arte-educação na juventude, o Projeto Albatroz reuniu integrantes do Projeto Somos do Mar, e jovens do Coletivo Jovem Albatroz (CJA) para abordar o tema e responder perguntas em uma edição especial da Albataalks, disponível no YouTube.

Facilitada pelo educador ambiental do Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ) e integrante do CJA, Yago Ferreira, transmissão ao vivo também contou com a presença de Diulie Tavares (engenheira ambiental, multiartista e integrante do Projeto Somos do Mar), Rafael Langella (oceanógrafo e multiartista do Projeto Somos do Mar), Nayana Cordeiro (integrante do CJA, bióloga e CEO da empresa Tsu Ambiental) e Ana Beatriz Cipriano (graduanda em Ciências Biológicas e integrante do CJA).

O Projeto Somos do Mar é uma iniciativa itinerante de educação ambiental que tem o objetivo de popularizar conhecimentos sobre o oceano de forma lúdica e criativa, unindo

arte e ciência - um ponto em comum com o Coletivo Jovem Albatroz, que busca provocar reflexões sobre a conservação marinha através da linguagem artística.

Construindo experiências de arte-educação

Mesmo consolidado como um espaço formativo de lideranças para a conservação marinha desde 2015, o Coletivo Jovem Albatroz só abraçou a arte-educação de forma integral cinco anos depois, durante a pandemia, quando criou a formação 'Da distopia a utopia - a arte como linha de reflexão/ação', que buscava entender qual o futuro que os jovens queriam para o planeta.

Logo em seguida, o CJA embarcou em outra formação com foco na arte-educação: a Maré de Utopias, realizada em parceria com o Coletivo Paranã, de Ubatuba (SP). Desta vez, o objetivo era provocar reflexões sobre o presente e o futuro dos resíduos, que poluem o oceano e ameaçam a vida marinha. Os materiais coletados nas ações foram reutilizados como matéria-prima para a intervenção artística dos coletivos, que propôs um trocadilho com a palavra 'presente', porque o lixo já não é um problema do futuro, é um desafio do momento presente.

O Coletivo Jovem Albatroz que é, por essência, um espaço educação ambiental crítica e dialógica, enxergou na arte-educação uma possibilidade de integrar a arte-educação ao processo formativo multidisciplinar. "A expressão artística se mostrou uma ferramenta de sensibilização e reflexão muito importante sobre os questionamentos feitos dentro dos nossos encontros", explica, lembrando ocasiões em que foram apresentados desenhos, pinturas, esculturas, artes digitais, poemas e até maquiagens pelos jovens.

Diulie Tavares, do Projeto Somos do Mar, ressalta que a arte-educação e a educação ambiental são aliadas porque comunicam assuntos sérios de forma mais leve - algo que atrai o interesse das pessoas. “O mundo já está saturado de coisas pesadas. A arte-educação também é uma forma de despertar, de facilitar sensações e emoções e de decifrar o que estamos sentindo e refletindo”.



Ferramenta de reflexão

A partir das primeiras experiências com o uso da arte-educação nas formações realizadas durante a pandemia, o Coletivo Jovem Albatroz enxergou oportunidades para passar a utilizá-la como principal fio-condutor de suas turmas, despertando reflexões e interpretações. Porém, poucos jovens tinham experimentado essa ferramenta no contexto da educação ambiental.

Ana Beatriz Cipriano, do CJA, por exemplo, afirmou que a arte-educação abriu seus olhos para a criação de abordagens mais humanizadas e sensibilizadas de educação ambiental, para que as pessoas se sintam parte da ciência, não apenas parte dos problemas ambientais, mas também de suas possíveis soluções.

Enquanto bióloga, Nayana Cordeiro, também jovem integrante do CJA, já havia se deparado com o desafio de sensibilizar as pessoas sobre o oceano, mas apesar de já ter contato com a arte durante o ensino formal, nunca pensou em utilizá-la na vida profissional. “Poder mesclar arte e ciência é incrível, pois podemos explorar a nossa criatividade e aplicá-la na conservação”.



Discussão holística

Outro ponto abordado na conversa transmitida ao vivo foi o potencial da arte-educação de promover discussões e reflexões holísticas com o público, uma vez que é possível abordar um tema tão vasto quanto a conservação marinha dos mais diversos pontos de vista, olhares e vivências.

Rafael destacou que dentro das ações do Projeto Somos do Mar essa percepção holística é clara: “apesar de seguirmos os mesmos roteiros, cada apresentação é única porque cada pessoa tem vivências diferentes com a arte, cada público tem uma resposta diferente aos nossos estímulos de acordo com o seu repertório pessoal”.

Mesmo com tantas diferenças, Diulie Tavares reforçou que o caráter universal da arte-educação torna possível a comunicação de problemáticas sérias do cotidiano com leveza e esperança. “Nós acreditamos que todos são artistas, é algo intrínseco ao ser humano, porém algumas pessoas desenvolvem esse lado mais do que outras”, conta. “Tudo aquilo que comunicamos por meio da arte desperta emoções e sentimentos, tornando um assunto complexo mais fácil de entender, sempre do sensível para o inteligível”.



V Encontro Jovem Mar reúne coletivos de meio ambiente para discutir territorialidade, ciência oceânica e cultura popular

Iniciativa da Rede Biomar aconteceu em Caravelas (BA) e envolveu mais de 60 jovens de diversas regiões do país, integrantes de coletivos da rede

Territorialidade, juventude, arte, ciência e futuro foram algumas das palavras que nortearam o V Encontro Jovem Mar, realizado no final de setembro em Caravelas (BA), reunindo coletivos jovens de conservação marinha ligados aos projetos que compõem a Rede Biomar - Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, todos patrocinados pela Petrobras. A quinta edição do evento foi organizada pelos projetos Albatroz e Meros do Brasil.

Com o tema “Territorialidade, Ciência Oceânica e Cultura Popular: os coletivos jovens e a invenção do mundo”, o evento se propôs a envolver e mobilizar os mais de 60 participantes, vindos de XX estados do país no contexto da Década do Oceano, com atividades voltadas a integrar e reforçar o potencial da juventude na construção da sua própria visão de futuro, e promover a valorização da diversidade cultural para o desenvolvimento sustentável.

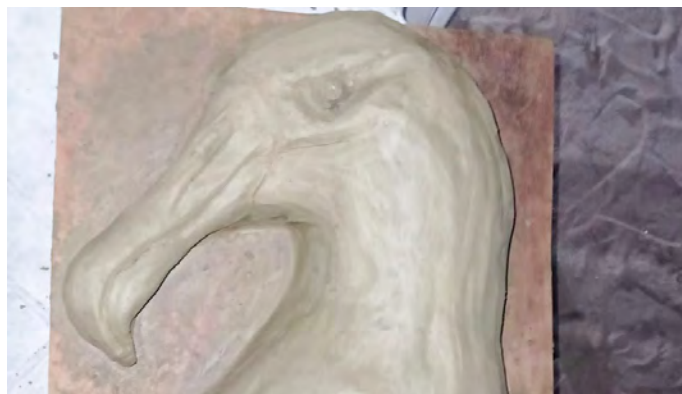
Os coletivos jovens da Rede Biomar foram criados com o intuito de formar lideranças na conservação marinha no Brasil e atuarem de forma direta com as comunidades nos territórios onde estão localizados, compartilhando conhecimentos, reflexões e atividades pela vida do oceano e das pessoas. A cidade de Caravelas foi escolhida



por contemplar diversos aspectos convergentes a estes objetivos: é um território importante para a conservação de espécies como os meros e as baleias-jubarte, e concentra forte bagagem histórica devido à ancestralidade com raízes africanas e de povos originários como os pataxós e tupinambás.

“Caravelas é um território de muito valor cultural. Aqui nós temos a possibilidade de produzir e compartilhar a ciência por meio da arte, que é o que mais gostamos enquanto jovens”, afirmou Pâmila Cristina Rosário, do coletivo jovem do Projeto Meros do Brasil.

Para Maíra Borgonha, gerente geral do Projeto Meros do Brasil, a quinta edição do Encontro Jovem Mar também atende a um chamado global para a mobilização de jovens para a construção de um futuro mais justo, empático e sensibilizado sobre o meio ambiente. “Saímos de um período de pandemia em que o mundo que conhecíamos já não existe mais da mesma forma, e isso trouxe à tona muitas vontades - uma delas é de nos entendermos enquanto seres humanos, enquanto cidadãos no lugar em que estamos”, afirma. “Se não conhecemos a nossa identidade, a nossa origem, não saberemos para onde ir. Estamos passando o bastão do mundo para os jovens, então nosso encontro é uma oportunidade para que eles possam sonhar o mundo que desejam, celebrar a vida e entender que estamos abrindo espaço para que eles assumam o futuro do planeta”.



Cultura popular e Cordão da Diversidade

No primeiro dia de encontro, os jovens se debruçaram sobre atividades de integração, valorização histórica e cultural do território de Caravelas, além de discussões sobre os desafios do mundo de hoje, o que desejam para o futuro do oceano e do planeta, e o que é possível fazer para contribuir para esses objetivos. Eles também tiveram o primeiro contato com as atividades do Movimento Cultural Arte Manha, que ofereceu oficinas ligadas a expressões artísticas como percussão, serigrafia, papietagem, tranças afro, canto coral e dança. No mesmo período, o Coletivo Jovem Albatroz ofereceu também uma oficina de captação de imagens.

Essas linguagens artísticas foram importantes para as atividades do segundo dia do V Encontro Jovem Mar. Nele, os jovens criaram de forma coletiva uma bandeira que representa o manifesto dos anseios do Coletivo Jovem Mar, por meio da pintura, desenho e poesia. Ela foi utilizada como o estandarte do grupo no Cordão da Diversidade, que levou mais de uma centena de pessoas às ruas do centro de Caravelas, no embalo da percussão e das danças afro-indígenas. O desfile também apresentou as espécies bandeira da Rede Biomar, e compartilhou com o público a mensagem de conservação dos cinco coletivos jovens.

Fundador do Movimento Cultural Arte Manha e coordenador do Projeto Meros do Brasil na Bahia, Dó Galdino explicou que o território de Caravelas é importante para a conservação de

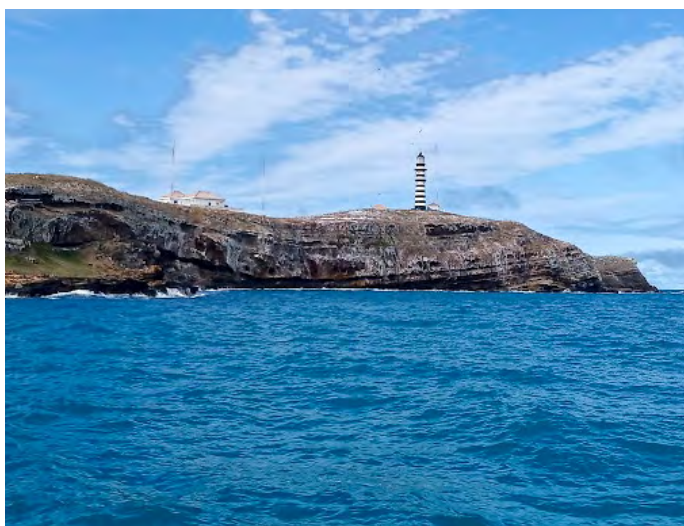




diversas espécies marinhas diretamente ligadas ao turismo e a pesca, parte importante da cultura local. “Nossos ancestrais tupinambás, os povos pataxós que ocuparam o extremo Sul da Bahia eram pescadores e marinheiros. E nosso povo está diretamente relacionado com a cultura do mar, eles são os maiores conhecedores das espécies que habitam a região, e por isso precisamos dialogar mais com os povos ancestrais e originários, para entender melhor ao longo do tempo o que vem acontecendo com esses bichos, suas populações, seus habitats.”

Descobrimo o Arquipélago de Abrolhos

No último dia de encontro, os jovens embarcaram com destino a um dos locais de maior biodiversidade do Brasil: o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. A viagem de barco de mais de quatro horas até o santuário, que fica há aproximadamente 36 milhas náuticas (70 quilômetros) da costa, contou com a identificação e o avistamento de dezenas de baleias-jubarte, entre adultas e filhotes, que se concentram no banco de Abrolhos nas semanas finais da temporada de reprodução.



Ao chegarem ao arquipélago, foram recebidos por uma equipe de monitores do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade que acompanhou os jovens por uma visita guiada à Ilha da Siriba, ninhal reprodutivo de aves como atobás-brancos (*Sula dactylatra*), beneditos (*Anous stolidus*) e grazinas (*Phaethon aethereus*).



O mergulho para avistamento e identificação de espécies marinhas também fez parte do roteiro. Com águas cristalinas, os jovens tiveram encontros inesquecíveis com espécies de tartarugas, raias, corais e peixes como badejos e budiões.

“A programação do V Encontro Jovem Mar foi pensada para que todos os jovens pudessem aproveitar a oportunidade de estarem juntos após a pandemia e mergulhar na arte, no diálogo, e na ciência para criar o mundo que eles desejam para o futuro”, explica Thaís Lopes, educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz. “A Década do Oceano nos permite mergulhar em reflexões sobre o futuro do nosso planeta que se traduzem em ações de impacto”.

Projeto Albatroz leva educação ambiental e engajamento juvenil para Diálogos da Cultura Oceânica

Realizado em Santos (SP), a programação contou com o evento 'Santos pelo Oceano', realizado na Praça do Aquário Municipal



A educação ambiental é um processo de construção de valores coletivos e aprendizados sobre o meio ambiente, que busca formar pessoas sensibilizadas pela causa ambiental e comprometidas com ações que reduzam o impacto da vida humana na natureza. No dia em que comemorou-se o Dia das Crianças e o Dia do Mar, 12 de outubro, o Projeto Albatroz levou atividades sobre o oceano para o evento 'Santos pelo Oceano', realizado na Praça do Aquário Municipal de Santos (SP).

O 'Santos pelo Oceano' envolveu diversas instituições parceiras que trabalham pela conservação oceânica como parte do evento Diálogos da Cultura Oceânica, realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na cidade entre os dias 10 e 15 de outubro.

O Projeto Albatroz levou para o estande do evento jogos e atividades com a proposta de sensibilizar as crianças e seus responsáveis

sobre existência dos albatrozes e petréis, aves oceânicas ameaçadas de extinção, e a importância da conservação marinha para a manutenção da biodiversidade nesse ecossistema. Fizeram parte da programação, atividades como Jogo de Tabuleiro Gigante 'A Grande Viagem do Albatroz', que envolve as crianças na dinâmica da vida dos albatrozes; Jogo da Memória Marinha, que estimula a curiosidade e o interesse por espécies oceânicas conservadas pelos projetos da Rede Biomar: albatroz, baleia-jubarte, corais, golfinhos, meros e muito mais.



Outra atividade que envolveu as crianças durante o evento foi a Oficina de Ninhos de Albatroz. Indicada para crianças de cinco a sete anos, ela propõe o conhecimento e a sensibilização sobre o comportamento dos albatrozes nas ilhas distantes onde se reproduzem e cuidam dos filhotes até conseguirem voar por conta própria. A atividade prática ajuda a fixar a importância do cuidado e da conservação marinha por meio da produção de ninhos de argila e pequenos albatrozes com bolinhas de algodão.

O evento contou com integrantes do Coletivo Jovem Albatroz (CJA), jovens ativistas ambientais da UNESCO, como Catarina Lorenzo, que participou da COP-26 e voluntários internos da Petrobras como a Gerente de Operações, Keurrie Cipriano Goes, que se somaram à equipe do Projeto Albatroz para facilitar as atividades, oferecer informações sobre o projeto e tirar dúvidas do público sobre essas aves. Os jovens também lideraram ações como os abraços grátis de albatroz e a atividade “Conhecendo os ODS”.

Educador ambiental do Projeto Albatroz na Região dos Lagos e membro do CJA, Yago Ferreira destaca o papel das crianças no futuro do oceano: “estimular a curiosidade das crianças da primeira infância sobre as riquezas do ecossistema marinho e as espécies que vivem nele nos ajuda a sensibilizá-las, plantando uma sementinha sobre a conservação marinha que pode germinar, transformando-as em aliados da conservação e divulgadores do oceano”.

Apresentação de resumos acadêmicos

O Coletivo Jovem Albatroz participou de algumas programações do Diálogos da Cultura Oceânica apresentando resumos de trabalhos acadêmicos desenvolvidos por eles no último ano. Um deles analisou o papel do Programa de Educação Ambiental Marinha ‘Albatroz na Escola’ (PAE), realizado de forma presencial e remota, na formação de educadores dentro do contexto da Década do Oceano.

Já o segundo trabalho reforçou o papel das redes sociais na divulgação de informações sobre a década e no engajamento do público jovem. Foi utilizada como o exemplo a intervenção #AFETOoceano, desenvolvida pelos Coletivo Jovem Albatroz durante a formação “Década do Oceano: a juventude na transformação da sociedade”, que promoveu a discussão sobre o papel das juventudes na conservação do oceano e a manutenção da

vida na Terra. Os vídeos roteirizados, narrados, editados e divulgados pelos jovens do CJA foram visualizados mais de 16 mil vezes no Instagram.



Participação em fóruns da juventude

Além da apresentação de trabalhos, o Coletivo Jovem Albatroz, representado pela educadora ambiental Thaís Lopes, ao lado dos educadores do Projeto Coral Vivo e Meros do Brasil participaram de atividades com a juventude de outras regiões do Brasil para pensar a mobilização em prol do oceano e de sua biodiversidade.

Na quinta-feira (13), o Fórum InterGAMs reuniu pela primeira vez os membros de diversas regiões do Brasil para construir estratégias e caminhos que fortaleçam ações e planos de comunicação dos GAMs, culminando na criação de encaminhamentos a serem seguidos para a submissão de um Projeto de Lei sobre o assunto no próximo ano.

No dia seguinte, foi realizado um evento aberto ao público para apresentação do plano e avaliação das metas da Década do Oceano.

Educação ambiental no porto e rodas de conversa envolvem pescadores em Cabo Frio (RJ)

As ações fazem parte do Núcleo Albatroz de Estudos Aplicados e Cultura Oceânica (NuAlba-Oceano)



O núcleo visa promover a transformação através da informação e de processos educativos e participativos, incluindo as comunidades que vivem do mar e são afetadas por ele, buscando alcançar os objetivos da Década de se obter para o futuro que desejamos, com um oceano limpo, saudável, resiliente, previsível, seguro, sustentável, produtivo, acessível e valorizado por todos.



Banhada por águas frias que recebem a influência do fenômeno de ressurgência, Cabo Frio (RJ) e outras cidades da Região dos Lagos desfrutam de grande variedade de espécies de peixes e artes de pesca. Para estreitar os laços com a comunidade pesqueira local, entender seus métodos de trabalho e envolvê-la nos esforços de conservação marinha, o Projeto Albatroz realizou uma série de ações de educação ambiental na cidade como parte das atividades do Núcleo Albatroz de Estudos Aplicados e Cultura Oceânica (NuAlba-Oceano).

O NuAlba-Oceano foi criado pelo Projeto Albatroz em 2020 com o objetivo de integrar a pesquisa científica com os processos educadores, através de ações interdisciplinares, alinhados com as metas da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável a ser implementada de 2021 a 2030, com foco no ODS 14 e correlatos.

Visitas no porto de Cabo Frio

A primeira atividade foi uma visita da equipe técnica do Projeto Albatroz ao porto de Cabo Frio, para conversar com os pescadores dos barcos atracados sobre a conservação das espécies de albatrozes e petréis, grupo considerado um dos mais ameaçados do planeta. Apesar de parecerem abundantes em alto-mar, a maior parte das populações do grupo está em declínio, o que chama atenção para as ações de sensibilização e educação ambiental.



Roda de conversa

No final de janeiro, a equipe técnica do Projeto Albatroz realizou uma roda de conversa com quatro mestres de pesca da frota monitorada pela instituição em Cabo Frio como parte do trabalho de acompanhamento no porto. O intuito do encontro foi compartilhar experiências sobre a interação de aves, suas experiências em alto-mar e petrechos de pesca.

Por este motivo, o Projeto Albatroz apresentou aos pescadores informações sobre a biologia das aves, dando orientações sobre como identificá-las em alto-mar e também manejá-las corretamente em caso de emalhe nos petrechos de pesca. Além disso, aproveitaram a entrada nos barcos para mostrar as medidas que ajudam a mitigar a captura em alto-mar, como: largada noturna, regime de peso, torilne (linha espanta pássaros) e hookpod.

De acordo com Caio Azevedo Marques, gerente de pesquisa científica do Projeto Albatroz, a ideia dessas visitas é sensibilizar e capacitar os pescadores quanto à identificação e conservação de albatrozes e petréis, ao utilizarem medidas mitigadoras em suas embarcações de forma voluntária. “Nós unimos os esforços da educação ambiental, da pesquisa e das mais diversas ações de conservação dos oceanos que fazemos com eles para informá-los sobre a importância do seu papel como pescador na conservação dessas aves”, explica.

A ação foi conduzida pelo gerente de pesquisa científica do Projeto Albatroz, Caio Azevedo Marques, com a participação da equipe de monitoramento de cais da cidade, formada pelos consultores Eduardo Pimenta e Mariana Dantas. No encontro, realizado na Colônia de Pescadores de Cabo Frio, a equipe apresentou as principais medidas mitigadoras da captura incidental e também noções de identificação e manejo de aves que comumente interagem com suas embarcações.

Os Mestres Lucimar e Elias, das embarcações Josimar IV e Marco I, contaram durante o encontro que já realizavam a largada noturna - que consiste na soltura dos anzóis durante a noite, período em que albatrozes e petréis não costumam se alimentar, pois há maior dificuldade em localizar a presa ou a isca no anzol. Já o mestre Lucimar informou à equipe do Projeto Albatroz que já havia improvisado um Torilne em seu barco e se prontificou a colaborar com o projeto utilizando esta medida simples e eficaz contra a captura incidental.





Projeto Albatroz realiza primeira roda de conversa com pescadores de Armação dos Búzios (RJ)

Encontro reuniu mais de 30 pescadores da frota artesanal, semi industrial e marisqueiras da cidade que fazem parte da Colônia Z-23

Ampliar o relacionamento com pescadores da Região dos Lagos, área de importância nacional para a conservação de aves marinhas, é um dos principais objetivos do Projeto Albatroz. Por este motivo, a equipe técnica da instituição realizou uma roda de conversa com os profissionais da frota artesanal, semi industrial e marisqueiras da Colônia Z-23, na primeira semana de dezembro, na sede do Instituto Educacional de Habilitação Profissional e Formação Integral, em Armação dos Búzios. Esta foi a primeira atividade de educação ambiental na cidade.

O evento contou com a presença de mais de 30 pescadores das comunidades da Raza, Mangueiros, Centro e Ponta do Pai Vitório; o presidente da Colônia Z-23, Dionízio Souza Silva; o chefe de gabinete do prefeito, Marcos Rocha; o Superintendente de Pesca da Secretaria de Meio

Ambiente do município, Luiz Paulo; o consultor de assuntos estratégicos do Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ), Eduardo Pimenta; e os membros da equipe técnica da instituição: o gerente de pesquisa científica Caio Marques e a consultora Mariana Dantas.

Eduardo Pimenta contextualizou as modalidades pesqueiras da região, evidenciando as mais praticadas no município, fazendo uma ligação com a conservação marinha e a importância do papel dos pescadores em contribuir para a proteção das espécies. Ele também apresentou o projeto do Centro de Visitação do Projeto Albatroz, que reunirá a comunidade pesqueira da Região dos Lagos em diversas atividades, de educação ambiental, lazer e oficinas, acessíveis para toda a família.

Parceria na mitigação da captura incidental

O gerente científico do Projeto Albatroz, Caio Marques, apresentou aos pescadores os principais conceitos sobre a interação das aves oceânicas com a pesca e apresentou o conjunto de medidas mitigadoras que contribuem para diminuir as capturas incidentais: toriline, largada noturna, regime de peso e, mais recentemente, o uso de hookpods.

Mariana Dantas, consultora técnica responsável pelo monitoramento dos portos com os pescadores no porto de Cabo Frio (RJ), apresentou a dinâmica de funcionamento da coleta de dados nos barcos de pesca, que é feita de forma voluntária pelos pescadores. Estes dados ajudam o Projeto Albatroz a entender as principais espécies encontradas em alto-mar pelos profissionais, além de atualizar números sobre a captura. Estes dados são valiosos para pesquisas científicas que ajudam a fomentar políticas públicas nacionais e internacionais de conservação.



Relatos da pesca

Com mais de 30 anos de experiência em embarques com pescadores, os pesquisadores do Projeto Albatroz também buscam ouvir os relatos dos pescadores, seus desafios e realidades em alto-mar.

Valmir, da Praia Rasa, fez um relato emocionado no encontro, dizendo que sustentou toda a sua família com a pesca oceânica e que, mesmo cumprindo mandato de vereador na cidade, nunca deixou de ser pescador. Em sua carreira, já havia naufragado duas vezes na região e em uma delas perdeu dois amigos de pesca.

O pescador Valdecir Pereira dos Santos relatou que costuma avistar albatrozes, pardelas e almas-de mestre interagindo com embarcações da região, tanto no lançamento quanto no recolhimento dos anzóis e na evisceração do produto da pesca - o que reforça a importância do trabalho de educação ambiental.

Na roda de conversa, a marisqueira Selma O. G. contou a sua experiência com desafios e conquistas à frente da Associação de Marisqueiras da Ponta do Pai Vitório, que conta com mais de 150 mulheres marisqueiras do município.

Representando as famílias da pesca, Alcir Souza também deu relatos sobre as pescarias de pescada-amarela, bagre e a tradição da cultura da pesca das gerações da sua família. Dona Zileia de Oliveira, acompanhada de seu filho, participou da roda de conversa comentando seu orgulho de ser mulher da pesca, trabalhando com a coleta de mariscos na cidade.

De acordo com o gerente de pesquisa científica do Projeto Albatroz, Caio Marques, conhecer as realidades da pesca em Armação dos Búzios é relevante não só para o desenvolvimento de pesquisas pela instituição, mas também para envolver as famílias que vivem da pesca nas atividades do Centro de Visitação do Projeto Albatroz. “Nosso objetivo é entender seus principais desafios e necessidades, a fim de que possamos trabalhar juntos de forma mais integrativa, oferecendo, atividades que apoiam os pescadores e suas famílias, e de lazer para todos no centro de visitação, que estará pronto no final do ano que vem”.



Projeto Albatroz realiza rodas de conversa com pescadores artesanais e catadores de caranguejo do Rio São João

Encontros aproximam a instituição das lideranças pesqueiras locais e também dos integrantes do Projeto Guaiamum

O Rio São João é uma das principais estrelas da beleza natural da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Sua principal nascente fica no município de Cachoeiras de Macacu e deságua no mar entre os municípios de Cabo Frio e de Casimiro de Abreu, onde o Projeto Albatroz realiza o trabalho de monitoramento portuário e educação ambiental com os pescadores da região. Em março, a equipe técnica da instituição realizou dois encontros com lideranças pesqueiras e catadores de caranguejo para discutir questões de ordenamento de pesca sustentável, conservação marinha e trocas de conhecimento cultural e acadêmico.

Uma das rodas de conversa aconteceu em formato híbrido, com presença online e também nas dependências do auditório da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Mais de 20 pessoas participaram do encontro, entre secretários

municipais, acadêmicos, representantes de iniciativas de meio ambiente na Região dos Lagos e pescadores artesanais da Câmara Técnica de Pesca e Aquicultura do Comitê da Bacia Hidrográfica Lagos São João (CBHLSJ).

Na pauta da reunião foram discutidos assuntos como: apresentação do Projeto Albatroz e o trabalho de monitoramento de cais realizado na cidade; Instrução Normativa Interministerial do MPAMMA nº 022013, que trata do ordenamento da pesca sustentável do camarão na Lagoa de Araruama; ordenamento das artes de pesca de barragem na lagoa; e também a pesca de cerco e de ganchos de camarão realizada na região.

Os representantes do Projeto Albatroz explicaram o leque de trabalho da instituição, a realização de pesquisas científicas em parceria com pescadores no monitoramento de cais, a

problemática da captura incidental de aves pela pesca e as medidas mitigadoras para minimizar seus efeitos. Francisco Guimarães, coordenador da Câmara Técnica de Pesca e Aquicultura do CBHLSJ, discutiu o período de defeso para a pesca do camarão na Lagoa de Araruama com base em estudos desenvolvidos pelo próprio CBHLSJ e o Governo Federal. Foi acordado que seria aguardada a publicação de um novo período de defesa para a espécie no Diário Oficial da União.

Além disso, também foram abordadas questões relacionadas à complexidade das estratégias utilizadas para promover a pesca sustentável na lagoa, os ordenamentos jurídicos para garantir essa atividade, bem como a importância do saber popular para a construção do ordenamento pesqueiro regional.

O pescador Ely Cardoso fez um breve relato na reunião sobre o programa de Estatística Pesqueira da Lagoa de Araruama, que irá contribuir com a governança da cadeia produtiva pesqueira através da confecção de cenários produtivos por identificação de parâmetros relativos à exploração, padrões, potencialidades e diferentes capacidades de tomada de decisão.



Caranguejo-guaiamum (*Cardisoma guanhumi*)

Encontro com catadores de guaiamum

O Projeto Albatroz promoveu também um encontro com os catadores de caranguejo-guaiamum (*Cardisoma guanhumi*), que fazem parte do Projeto Guaiamum – Bioecologia e Etnoconhecimento para a Conservação, que tem a meta de fortalecer, com base no diálogo entre os conhecimentos tradicional e acadêmico, o Plano de Gestão Local (PGL) da pesca artesanal do caranguejo-guaiamum no estuário da Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado.

Este projeto quer gerar dados que fortaleçam o Plano de Gestão Local do caranguejo-guaiamum na APA da bacia do rio São João/Mico Leão Dourado, favorecendo a proteção e o manejo da espécie, atuando no monitoramento ambiental e promovendo o diálogo entre os conhecimentos tradicional e acadêmico, propondo possíveis adequações de forma a tornar legalizada e sustentável a atividade dos catadores que já atuam na área.

Alceir Cruz, presidente da Associação de Catadores, afirmou que a roda de conversa teve como objetivo aproximar a governança sobre as culturas territoriais e ambientes considerando as dimensões materiais e simbólicas da população local, as técnicas de captura, pesca e a capacidade de gestão eficaz do ambiente de manguezal em que estão inseridas.



Foto: INPE



Intervenção artística 'Maré de Utopias' une Coletivo Jovem Albatroz e Coletivo Paranã

Ação contou com a participação de parceiros na produção de uma instalação que ficará exposta no Museu da Vida Marinha, em Ubatuba (SP)

O lixo plástico é um problema presente e que se não tomarmos medidas para reduzi-lo, será uma herança desagradável para as gerações futuras. Esse é o mote da arte intervenção Maré de Utopias, criada entre o Coletivo Paranã, de Ubatuba (SP), e o Coletivo Jovem Albatroz (CJA), braço de formação de lideranças para a conservação marinha do Projeto Albatroz. A Maré de Utopias resultou em uma instalação feita com resíduos plásticos e uma série de quatro reels, publicados no Instagram do Projeto Albatroz.

A ação contou com o apoio do Instituto Argonauta, do Aquário de Ubatuba e da base local do Projeto Tamar, além de uma oficina artística com as crianças da Gaiato Ubatuba. A Maré de Utopias surgiu como a conclusão de um processo educativo e de estruturação do Coletivo Paranã, formado durante a pandemia por jovens da cidade do litoral norte de São Paulo.

Eles tiveram os primeiros contatos com o trabalho do CJA durante as edições do Encontro Jovem Transformar, realizado em Ubatuba, em que os jovens albatrozes somavam às atividades como um coletivo organizado, que participava do evento.



“Durante a pandemia, os jovens da cidade se mobilizaram e criaram um coletivo próprio, o Paranã. Eles pediram a ajuda do CJA para aprender como se organizar, realizar ações em conjunto e assim, surgiu a Maré de Utopias”, ressalta Thaís Lopes, educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz.

Para auxiliá-los neste processo, o CJA promoveu uma formação virtual sobre coletivos jovens de meio ambiente, com bases teóricas, conceitos e organização de ações coletivas. No final da formação virtual, surgiu a ideia da Maré de Utopias, organizada pelos dois coletivos.

Maré de Utopias: presente e futuro

A intervenção artística teve o objetivo de provocar reflexões sobre o presente e o futuro dos resíduos, que poluem o oceano e ameaçam a vida marinha. A ação começou no Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias, em que os jovens do Coletivo Paranã participaram de um mutirão de coleta de lixo na Praia do Perequê-Açu, em Ubatuba (SP), organizado pelo Instituto Argonauta, Aquário de Ubatuba e Projeto Tamar; e os jovens do CJA, de ações de clean up na praia de Santos (SP), e no entorno do Centro de Visitação do Projeto Albatroz, em Cabo Frio (RJ).

Os resíduos coletados nas ações foram separados e reutilizados como matéria-prima para a intervenção artística dos coletivos, que propôs um trocadilho com a palavra ‘presente’, porque o lixo já não é um problema do futuro, é um desafio do momento presente. Os jovens construíram

a palavra escolhida com tampas, brinquedos, garrafas, bitucas e outros materiais recolhidos das praias. A instalação está em exposição no Museu da Vida Marinha, em Ubatuba (SP), para despertar questionamentos entre os visitantes das praias da cidade.

“Escolhemos a palavra ‘presente’ porque o lixo também é um legado que a geração do presente está deixando de presente para a geração do futuro. Nós estamos deixando este problema para eles também”, explica Isadora Barbosa, do Coletivo Jovem Albatroz.

Todo o processo de construção da intervenção artística foi documentado pelo Coletivo Jovem Albatroz, que criou uma série de quatro vídeos curtos no Instagram para contar o que foi a Maré de Utopias e também abordar as questões sobre o presente e o futuro do lixo no mar. Os vídeos já foram assistidos por mais de dez mil pessoas.

Integração e conhecimento

Durante a realização do Maré de Utopias, os integrantes do Coletivo Jovem Albatroz e Coletivo Paranã puderam trocar experiências e também conhecer em detalhes o trabalho desenvolvido pelos apoiadores da ação: o Instituto Argonauta, o Aquário de Ubatuba e o Projeto Tamar. Os jovens fizeram visitas monitoradas aos locais e também visitaram o Museu da Vida Marinha, nas dependências do Instituto Argonauta, onde a arte intervenção criada por eles ficará exposta durante o verão.





Projeto Albatroz realiza três passarinhadas na Região dos Lagos

Saídas de avistamento de aves ocorrem para apresentar ao público as espécies da fauna e da flora locais

Passarinhar, ou avistar aves, é uma atividade prazerosa que contribui para a sensibilização sobre o meio ambiente e a preservação ambiental. Todas as aves são necessárias ao equilíbrio ecológico e poder identificá-las em seu habitat natural é um fator de atração de turistas de baixo impacto ambiental, próprio para um turismo mais sustentável. Com o objetivo de promover esporte, ciência e lazer atreladas à conservação marinha, o Projeto Albatroz organizou três passeios gratuitos na Região dos Lagos durante o Verão.

As saídas em grupo foram capitaneadas pelo professor Eduardo Pimenta, coordenador do Grupo de Estudos da Pesca (GEPESCA) da Universidade Veiga de Almeida, e consultor do Projeto Albatroz em Cabo Frio (RJ). Além de guiar os participantes pelas trilhas, ele explica princípios biológicos da fauna e flora da Caatinga

Fluminense. “Também falamos sobre o fenômeno da ressurgência, que faz dessa região um oásis de elevada produtividade, base da cadeia alimentar marinha”, afirma. “Por causa da ressurgência é que as águas da nossa região são visitadas por diversas aves marinhas, entre elas albatrozes e petréis, e também por que temos tanta riqueza de espécies na pesca regional”.

Trilha do Itajuru

A primeira passarinhada deste ano aconteceu em meados de janeiro na Trilha do Itajuru, em Cabo Frio (RJ), reunindo dez participantes. Com câmeras e smartphones na mão, os participantes foram conduzidos pelo professor Eduardo Pimenta e puderam avistar espécies de aves como o maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*), batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*), anú-branco (*Guira guira*), trinta-réis-anão



(*Sternula superciliaris*), mareça-irerê (*Dendrocygna viduata*), entre muitas outras. Durante a trilha, que terminou com uma vista para o oceano, também foram identificadas outras espécies de animais, como siri-azul, água viva, capapeba, guaiamum e tartaruga.

Segundo Pimenta, a ideia é que quem participe da passarinhada não veja somente pássaros, mas também entenda como eles interagem com a flora local, auxiliando na manutenção e equilíbrio do meio ambiente. Por isso, durante a trilha foram apresentadas noções de biologia e botânica para que o público conhecesse a complexidade das relações que mantêm aquele habitat natural.

Restinga de Massambaba

A segunda saída para avistamento de aves aconteceu no primeiro final de semana de fevereiro e reuniu 19 pessoas na Restinga de Massambaba, localizada no Parque Estadual da Costa do Sol, em Arraial do Cabo. Em um dia ensolarado, os participantes fizeram uma trilha de mais de quatro horas de duração para conhecer as principais aves e plantas típicas da região.

Entre as aves, foram avistadas espécies como o gaivotão (*Larus dominicanus*), sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*), cambaxirra (*Troglodytes aedon*), urubu-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), suiriri (*Tyrannus melancholicus*), coruja-buraqueira (*Athene*

cunicularia), carcará (*Carcara plancus*), entre muitas outras. O formigueiro-do-litoral (*Formicivora littoralis*), espécie endêmica da Região dos Lagos que conta com um Plano de Ação Nacional para sua conservação, também foi avistada.

Segundo Eduardo Pimenta, essa região foi especialmente escolhida para a passarinhada porque tem características singulares que a tornam rica em fauna e flora. A restinga é cercada pela Lagoa de Araruama, um ambiente hipersalino, e também pelo oceano Atlântico, rico em nutrientes devido ao fenômeno da ressurgência, responsável por atrair grandes cardumes de peixes e espécies de aves.

“Esse cenário único formado pelas influências oceânicas, lagunares e de restinga acaba possibilitando a vida de uma série de espécies de peixes, animais invertebrados, flores, frutos e sementes que atraem uma grande quantidade de aves locais e migratórias também”, aponta Eduardo Pimenta.

Praia do Foguete

A terceira saída para avistamento de aves aconteceu também em fevereiro na Praia do Foguete. Localizada dentro do Parque Estadual da Costa do Sol, a Praia do Foguete é formada por um somatório de influência oceânica, lagunar e restinga que atrai uma grande quantidade de aves residentes e migratórias.

Parceria com o Programa Bandeira Azul em Cabo Frio ajuda a retirar mais de 20 mil bitucas da praia



Balanço do monitoramento de guimbas foi divulgado no 15º Workshop Anual do Programa Bandeira Azul

As bitucas de cigarro, ou guimbas, são alguns dos resíduos mais encontrados nas praias da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro. Além de sujarem as praias, elas têm resíduos químicos capazes de contaminar o solo, a água do mar e colocar em risco a sobrevivência das espécies oceânicas. Desde o ano passado, o Projeto Albatroz é parceiro do Programa Bandeira Azul em Cabo Frio (RJ), participando das ações que já coletaram mais de 20 mil bitucas na Praia do Perú - que já foi certificada quatro vezes. O resultado foi apresentado no 15º Workshop Anual do programa, realizado na primeira semana de maio.

O monitoramento de guimbas teve início na Semana do Meio Ambiente de 2021, estabelecendo coletas mensais nas praias da região que seriam contadas e analisadas por técnicos da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Com a coordenação local do Bandeira Azul, voluntários e integrantes do Projeto Albatroz e Projeto Imersão participaram de todas as ações, sensibilizando moradores, turistas e destinando os 20.579 bitucas para a universidade.



Devido à relevância da Praia do Perú para a conservação ambiental, ela também é a escolhida pelo Projeto Albatroz para receber ações de educação ambiental, como a organização de cleanups, tendas de informações sobre as aves marinhas, saídas de campo, observação de aves etc.

15º Workshop Anual do Bandeira Azul

Realizado nos dias 5 e 6 de maio, o encontro aconteceu na UVA e teve como objetivo auxiliar na preparação da documentação necessária para uma nova conquista da certificação, além de realizar debates com assuntos pertinentes ao Bandeira Azul no contexto nacional e internacional. Representantes de vários estados e das entidades que integram o Júri Nacional foram recepcionados para uma troca de experiências.

Entre as atividades, das quais o Projeto Albatroz participou como apoiador, foram apresentadas novidades do selo internacional, do programa “Brasil é a Nossa Praia!”, desenvolvido pelo Ministério do Turismo, entre outros assuntos. Também foram realizadas mesas redondas sobre a balneabilidade das praias brasileiras e captação de recursos para a gestão de praias e atividades náuticas, finalizando com uma visita guiada à Praia do Perú.

De acordo com Paula Montenegro, educadora ambiental do Projeto Albatroz que participa das ações de coleta na Praia do Perú, apoiar o Programa Bandeira Azul é uma relação em que todos saem ganhando. “Assim como o programa, nós também temos o objetivo de conservar o ecossistema marinho a partir de ações de educação ambiental, sensibilização do público e envolvimento nas pesquisas realizadas na região”, explica. “Ao protegermos as praias envolvidas no Bandeira Azul, como o Perú, também estamos protegendo as aves marinhas”.

No Dia Mundial de Limpeza de Rios e Praias, Projeto Albatroz participa de mutirões que recolheram mais de 100 kg de resíduos



Atividades aconteceram em Santos (SP) e em Cabo Frio (RJ), envolvendo parceiros, equipe do projeto e voluntários

Parte de uma campanha de abrangência mundial em prol da conservação oceânica, o Dia Mundial de Limpeza de Praias e Rios foi comemorado no último dia 17 de setembro com ações que buscam sensibilizar o público sobre o impacto dos resíduos nos ecossistemas. Este ano, o Projeto Albatroz se engajou na campanha ao participar de mutirões em Santos (SP) e Cabo Frio (RJ) que, juntos, somaram mais de 100kg de materiais recolhidos.

A ação fez parte de um esforço em conjunto com outros vinte projetos apoiados pela Petrobras que mobilizaram mais de 2,5 mil voluntários para ações de clean-up. A expectativa foi coletar mais de oito toneladas de resíduos em 120 km de praias e rios de norte a sul do Brasil.

Em Santos (SP), cidade onde o Projeto Albatroz nasceu, a equipe e voluntários se uniram a dezenas de pessoas na Praia do José Menino, para um clean-up organizado por parceiros como a Prefeitura de Santos, Projeto Mantas do Brasil, Instituto Mar Azul e outros. Em pouco mais de três horas, os participantes fizeram a limpeza da faixa de areia e também da Ilha de Urubuqueçaba.

No total, mais de 56 kg foram retirados do local, entre garrafas, copos e canudos de plástico,

sacolas, brinquedos, tapetes e outros itens. Chamou a atenção da organização o alto número de bitucas de cigarro: mais de dez mil unidades. Apesar de não serem feitas de plástico, as bitucas são prejudiciais ao ambiente marinho pois podem liberar metais pesados no oceano, colocando a vida marinha em perigo.



Mutirão em Cabo Frio (RJ)

Pelo segundo ano consecutivo, o Projeto Albatroz organizou o mutirão de limpeza de rios e praias na área do seu Centro de Visitação, localizado no entorno da Lagoa de Araruama - uma área essencial para a conservação da biodiversidade da Região dos Lagos.

A equipe de educação ambiental uniu forças com o Coletivo Jovem Albatroz e mais de vinte voluntários e parceiros para a limpeza do local e plantio de mudas de aroeiras, plantas nativas. No total, o mutirão recolheu 63,3kg de resíduos como plásticos moles, sacolas e tampas.

De acordo com a coordenadora de educação ambiental do Projeto Albatroz, Cynthia Ranieri, ações mundiais como essa reforçam a necessidade de cuidado com a destinação correta dos resíduos, assim como reflexões sobre o consumo. “Este tipo de ação traz momentos de reflexão, possibilitando a ampliação da consciência sobre a necessidade de combatermos a poluição de mares, praias, rios e nascentes, buscando manter ambientes saudáveis, livres dos resíduos que são tão prejudiciais à vida no planeta.”

Projeto Albatroz participa de mutirão de limpeza e coleta mais de 260 kg de resíduos em Santos (SP)

Ação foi organizada por projetos ambientais em homenagem ao Dia Mundial da Água e contou com presença do Coletivo Jovem Albatroz



As equipes dos projetos ambientais orientaram os voluntários na triagem e pesagem dos resíduos, que totalizaram pouco mais de 260 kg. Deste total, destacaram-se as mais de 23 mil unidades de bitucas de cigarro e mais de oito mil de materiais plásticos. Após a separação do material, os resíduos foram encaminhados para estações de descarte na cidade.



Mais de 450 jovens, voluntários e membros de projetos ambientais da Baixada Santista se reuniram para um mutirão de limpeza de praias na orla de Santos (SP), em homenagem ao Dia Mundial da Água. O encontro teve a participação de membros da equipe do Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, além de organizações como o Projeto Mantas do Brasil, Instituto Gremar, Instituto Mar Azul, Santos Lixo Zero e Prefeitura de Santos.

O ponto de encontro de dois grupos de voluntários foi simultaneamente nos Canais 2 e 3 e, em seguida, os participantes se deslocaram pela faixa de areia em direção à Praça das Bandeiras, coletando resíduos como garrafas plásticas, latas de alumínio, cacos de vidro, sacolas, canudos e bitucas de cigarro que iriam diretamente para o oceano ou esgotos da cidade.

Um terceiro grupo se concentrou entre o Canal 6 e o Aquário de Santos, no bairro da Ponta da Praia.

Ao chegarem ao ponto final do mutirão, as instituições participantes realizaram atividades de educação ambiental, informando voluntários e o público da praia sobre os impactos do lixo no oceano e outras questões que envolvem a conservação marinha.

Os mais de 450 voluntários que uniram forças para o evento eram ligados aos projetos socioambientais, à Petrobras, ao Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social (Camps), ao grupo de escoteiros Morvan Dias Figueiredo, Santista e Serra do Mar, ao grupo de Jovens Profissionais do Saneamento, ligado à Sabesp, e à Ordem DeMolay – Filhos de Judá. O Projeto Albatroz contou com a presença de cinco voluntários, entre eles a analista ambiental Gerência Executiva de Responsabilidade Social da Petrobras, Ana Marcela di Dea Bergamasco.



POLÍTICAS PÚBLICAS

Projeto Albatroz participa de workshop para discussão de protocolos sanitários da soltura de aves marinhas rehabilitadas

Informações vão orientar os critérios utilizados pelo Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap)

Para além do trabalho nas ilhas de reprodução e do desenvolvimento de medidas mitigadoras que visam a redução da captura incidental de aves marinhas, os esforços da conservação de espécies ameaçadas de extinção também passam pelos cuidados no manejo, reabilitação e retorno à natureza. Para discutir esse último assunto, o Projeto Albatroz participou de um workshop organizado por instituições ambientais para fazer a análise de risco e a definição de critérios sanitários para a soltura pós-reabilitação de espécies de dois planos nacionais de conservação: o Plano Nacional para a Conservação das Aves Marinhas (PAN-Aves Marinhas) e o Plano Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap). O evento aconteceu na última semana de agosto em Florianópolis (SC).

Facilitada por médicos veterinários especializados em aves marinhas, Patricia Serafini e Ralph Vanstreels, a oficina de quatro dias teve como objetivo elaborar subsídios para a consolidação do protocolo utilizado pelos profissionais, com critérios sanitários tangíveis para orientar a soltura após reabilitação das espécies protegidas pelos dois planos nacionais.

Para isso, especialistas de todo o país trabalharam de forma conjunta, analisando as espécies em risco, sua distribuição geográfica, identificação e ranqueamento das principais doenças de interesse para as populações de aves encontradas na costa brasileira, como os albatrozes e petréis, que intensificam sua busca por alimento em águas do nosso país durante o inverno do Hemisfério Sul.

Após quantificarem e ranquearem os patógenos de maior risco para as aves marinhas e as espécies mais vulneráveis, criando sua própria análise de risco, os especialistas discutiram também algumas questões referentes à comunicação dos riscos entre médicos veterinários e biólogos envolvidos na reabilitação e soltura de aves, bem como o que fazer ao detectar alguma das doenças discutidas no workshop.

Com o estudo concluído, as instituições ambientais envolvidas no encontro vão submeter o trabalho à consulta pública virtual, discutindo os resultados com os centros de pesquisa e reabilitação que lidam diretamente com as espécies e patógenos identificados pelos participantes.

Segundo Tatiana Neves, fundadora do Projeto Albatroz, conhecer as doenças que acometem as aves marinhas é parte importante do trabalho de conservação. “Muitas vezes, ao serem resgatadas e reabilitadas, algumas aves marinhas já vulneráveis devido ao cansaço ou a má nutrição acabam sendo infectadas por patógenos que colocam em risco a sua saúde a também e das demais aves de sua colônia, para onde vão após a soltura”, explica. “Por isso é tão importante discutir os riscos envolvidos no trabalho de reabilitação e soltura, além das doenças que podem ser letais para esses animais”.

Riscos para a conservação

Igor Acosta, médico veterinário consultor do Projeto Albatroz, participou do workshop e destacou que existe um grande grupo de doenças infecto-contagiosas, causadas principalmente por vírus e bactérias, que são perigosas para albatrozes e petréis. Porém, ele destaca que doenças causadas por protozoários, como a toxoplasmose, estão reemergindo, e precisam ser levadas a sério.

“Estamos fazendo um screening bastante sensível para esse parasita específico e temos visto em algumas ilhas oceânicas, principalmente no Brasil, algumas espécies, como o albatroz, por exemplo, com animais reagentes positivos”.

O veterinário reforça também que a prevenção dessas doenças ou a detecção precoce dos patógenos é essencial para a proteção de aves

que de alguma forma já enfrentam algum risco de extinção. “Enquanto temos alguns patógenos que são letais para algumas espécies, outras conseguem viver bem com esse mesmo patógeno. Porém, se essas aves passam por uma queda de imunidade, essa enfermidade abre as portas para uma secundária, que pode ser fatal”.

Trabalho pioneiro

Na opinião do médico veterinário Ralph Vanstreels, pesquisador associado da Universidade da Califórnia, analisar os riscos de determinados patógenos para as espécies em conservação no Brasil é algo muito importante, pois o trabalho de monitorá-las após soltura é algo ainda muito pioneiro. “Até hoje nós não temos muitos estudos nesse sentido, mas é algo possível. A ideia é justamente desenharmos maneiras de fazer esses estudos e poder quantificar o quanto uma doença pode ter impacto se ela não for bem controlada”.

Ele cita a pasteurelose, uma grave doença sistêmica, como uma enfermidade com histórico problemático para os albatrozes, e o vírus da influenza aviária, relacionado a gripe, como patógenos preocupantes para essas mesmas espécies. “Estamos atentos à perspectiva da influenza aviária de alta patogenicidade, que agora está se disseminando no Hemisfério Norte entre outras espécies de aves marinhas, e que se chegar no Hemisfério Sul, poderá ter um impacto considerável nas populações de albatrozes e petréis”, afirma.

Vanstreels, no entanto, salienta que essas doenças não representam um risco iminente à saúde humana. “Os estudos mostram que existem vários subtipos de vírus da influenza e da *Pasteurella multocida* (bactéria causadora da pasteurelose), e felizmente até hoje o que se tem observado é que os subtipos que têm circulado entre as aves marinhas não têm compatibilidade com humanos. Porém, isto poderia mudar no futuro, então é algo que a gente sempre precisa ter em mente para buscar minimizar esse risco”.





Educadores ambientais da Rede Biomar iniciam construção de Plano Político Pedagógico na Bahia

Evento organizado pelo Projeto Coral Vivo deu início ao PPP focado na Educação Infantil

Referência na educação ambiental marinha, a Rede Biomar, formada por cinco projetos de conservação patrocinados pela Petrobras, se reuniu na cidade de Arraial d'Ajuda, na Bahia, para o evento 'Educação Ambiental na Educação Infantil: uma proposta de unicidade no Plano Político Pedagógico (PPP)'. O Projeto Albatroz marcou presença com sua equipe de educadoras formada por Cynthia Ranieri, Paula Montenegro e Thaís Lopes.

O evento, organizado em maio pelo Projeto Coral Vivo, contou com a participação de grande parte dos educadores ambientais da rede, que tem atuação em toda a costa brasileira, conservando mais de 60 espécies de aves, corais, golfinhos, baleias e peixes.

Durante os dois dias de encontro, foi proposta a construção coletiva inédita de um PPP, para

garantir de forma conceitual e metodológica que as particularidades de cada projeto de conservação se mantenham diante da multiplicidade de suas ações pedagógicas, ao mesmo tempo que toda a Rede Biomar trabalha em sinergia, com objetivos e mensagens em comum.

A reunião teve como facilitadora a educadora Lourdes Brazil dos Santos, que trouxe uma programação de dinâmicas, exposições, reflexões sobre textos, exercícios de escrita, e a identificação de estratégias para embasar o plano voltado para Educação Infantil.

Com o encontro presencial que marcou o início da construção do Plano Político Pedagógico da Rede Biomar, as equipes de educação ambiental da rede continuarão trabalhando em conjunto para finalizá-lo e revisá-lo antes da publicação oficial.

Dia Mundial do Albatroz alerta para as consequências das mudanças climáticas para a sobrevivência das espécies

Data deste ano chama atenção para duas espécies do Hemisfério Norte: albatroz-de-laysan e albatroz-de-pés-negros



Albatroz-de-laysan (*Phoebastria immutabilis*). Foto: J. A. Soriano

Símbolo de coragem e resiliência frente aos desafios da vida em alto-mar, a albatroz-de-laysan Wisdom é a ave mais longeva de que se tem registros dentre os albatrozes. Com idade estimada em 70 anos, ela sobreviveu a tsunamis, décadas de interação com a pesca e lixo plástico, e agora lida com uma ameaça crescente: as mudanças climáticas, que colocam em risco seu santuário de reprodução e seu alimento. A espécie de Wisdom é um dos destaques do Dia Mundial do Albatroz de 2022, criado pelo Acordo Internacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) para chamar atenção aos perigos enfrentados por esse grupo de aves, um dos mais ameaçados do mundo em relação às ameaças originadas pelas mudanças climáticas.

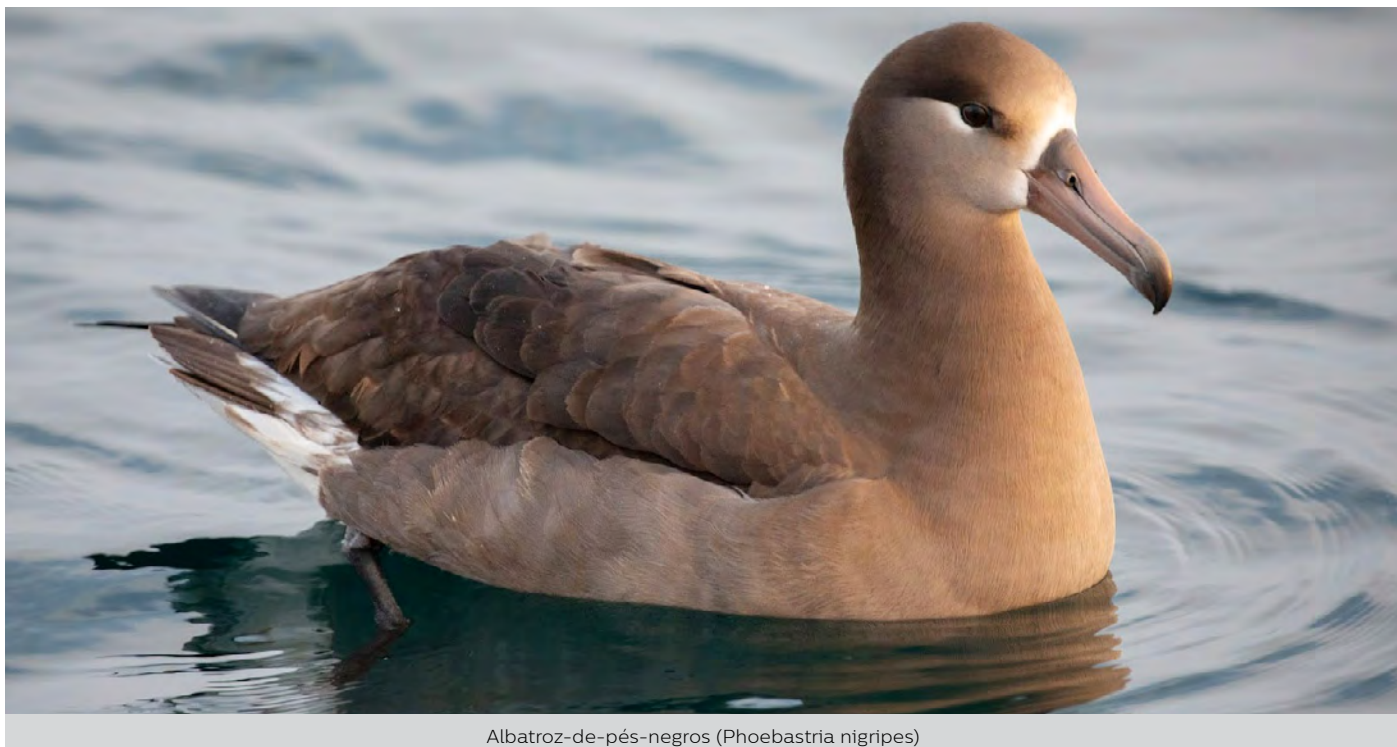
Com participação ativa nos comitês, ações de pesquisas e reuniões do ACAP, o Projeto Albatroz une forças com o órgão internacional, governo e outras entidades brasileiras mais uma vez para chamar atenção da sociedade, cientistas e demais públicos para os fatores que colocam em xeque a sobrevivência dessas aves em declínio populacional.

Nos anos anteriores, o Dia Mundial do Albatroz já abordou temas como o desenvolvimento de pescarias compatíveis com a conservação das aves oceânicas e a erradicação de espécies invasoras (que degradam o habitat e predam as aves).

Espécies em destaque

As aves escolhidas para estampar a campanha deste ano são duas das três únicas espécies de albatroz que se reproduzem no Oceano Pacífico Norte: o albatroz-de-pés-negros (*Phoebastria nigripes*) e o albatroz-de-laysan (*Phoebastria immutabilis*). As duas espécies são consideradas quase ameaçadas de extinção pela Lista Vermelha da IUCN e têm suas colônias reprodutivas localizadas em atóis próximos às ilhas havaianas do noroeste dos EUA.

Esses atóis - e as aves marinhas que vivem neles - vivem sob o risco crescente do aumento do nível do mar e do número e gravidade de tempestades que resultam em inundações, ambos considerados uma consequência direta das mudanças climáticas. As inundações de tempestades já fizeram pelo menos uma pequena ilha desaparecer no mar, perdendo locais de reprodução para vários milhares de casais de albatrozes; em outras partes da cadeia de ilhas, como no Atol Midway, tempestades causaram inundações de ninhos de albatrozes e perda de filhotes perto da costa.



Albatroz-de-pés-negros (*Phoebastria nigripes*)

No Hemisfério Sul, onde temos mais de 20 espécies de albatrozes e petréis, o aumento das temperaturas também causa prejuízos. Um exemplo disso é que pesquisas recentes no Atlântico Sul que sugerem que o aquecimento dos mares está aumentando as taxas de 'divórcio' entre casais de albatrozes-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*), que se alimentam em águas brasileiras.

Desafio global

Como tem se provado nas pesquisas e ações do ACAP nos últimos anos, os esforços de conservação devem ser globais - visto que albatrozes e petréis têm o potencial de dar a volta ao mundo todos os anos em busca de alimento e temperaturas favoráveis.

Tatiana Neves, fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz tem, desde 2019, o cargo de vice-presidente do comitê assessor do ACAP e participa ativamente das discussões internacionais sobre o tema. Segundo ela, é necessário sensibilizar as pessoas e os atores públicos sobre a urgência de ações para impedir o agravamento das mudanças climáticas não apenas para proteger albatrozes e petréis, mas a biodiversidade marinha como um todo.

“Todos os ecossistemas estão interconectados. Portanto, proteger o oceano e as demais áreas do planeta das mudanças climáticas, contribui também para a conservação de aves, plantas, peixes, mamíferos, microorganismos e outros seres vivos. Na Década do Oceano, isso se torna ainda mais importante”, afirma.

Para Andrei L. Roos, Analista Ambiental do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE/ICMBio) e atual coordenador do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Albatrozes e Petréis (Planacap), embora as espécies-alvo deste ano vivam no Hemisfério Norte, é preciso lembrar que as mudanças climáticas também impactam as aves da porção Sul: “principalmente no que diz respeito às alterações nos ecossistemas e na disponibilidade de alimento para as espécies que frequentam a nossa costa. Por isso, temos que chamar a atenção da sociedade para participar da conservação desse grupo de aves”.

Saiba mais sobre o ACAP:

SITE: www.acap.aq

COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

Projeto Albatroz lança guia de identificação de aves marinhas gratuito para pescadores



As aves marinhas são o grupo de aves mais ameaçadas de extinção no planeta: cerca de 110 (30%) das 359 espécies reconhecidas estão ameaçadas em algum nível e outras 69 (11%) estão classificadas como 'quase ameaçadas'.

Essas aves passam a maior parte da vida no oceano aberto voando e buscando alimento, e muitas retornam à terra firme somente para reprodução. Para apoiar os pescadores na identificação das aves marinhas, o Projeto Albatroz, patrocinado pela Petrobras, lançou o 'Guia de Albatrozes e Petréis para Pescadores', que pode ser baixado gratuitamente [neste link](#).

Dentro e fora do Brasil, este grupo de aves enfrenta diversas fontes de impactos negativos em suas populações, tanto em terra, em suas colônias, como destruição de habitat e introdução de espécies exóticas invasoras, quanto no mar, onde destacam-se a poluição por materiais plásticos e a captura incidental pela pesca.

Na pesca, muitas dessas aves acabam morrendo ao tentar fisgar as iscas lançadas ao mar junto com os anzóis: seus bicos são perfurados pelos petrechos de pesca e o peso das linhas arrastam as aves para o fundo do mar. As aves marinhas não são espécies-alvo das pescarias e não possuem qualquer valor comercial, o que torna essa situação desvantajosa tanto para os pescadores quanto para a biodiversidade marinha.

Albatrozes e petréis

Existem no mundo 22 espécies de albatrozes, sendo que metade delas sobrevoam águas brasileiras ou interagem com a pesca nacional. Os petréis, por sua vez, são classificados em 107 espécies, das quais pelo menos 35 ocorrem no Brasil - duas delas se reproduzem em ilhas em nosso território: a Graziña-de-Trindade (*Pterodroma arminjoniana*) e a Pardela-de-asa-larga (*Puffinus lherminieri*).

Com mais de dez anos de experiência na educação ambiental com pescadores e desenvolvimento de pesquisas científicas voltadas à conservação desse grupo de aves, o coordenador científico do Projeto Albatroz, Caio Azevedo Marques, destaca a importância de conhecer os albatrozes e os petréis para protegê-los. “Assim como outras aves marinhas, os albatrozes e petréis são companheiros dos pescadores em suas viagens, ajudando-os a encontrar áreas com grandes cardumes e os encantando com sua beleza extraordinária”, explica. “Nosso guia pode ser uma ferramenta útil na hora de identificar esses animais e reportar eventuais avistamentos e mortes por afogamento aos pesquisadores”.

Desde sua fundação em 1990, o Projeto Albatroz se dedica à educação ambiental dos trabalhadores da pesca e também ao desenvolvimento de medidas simples para a diminuição significativa das capturas incidentais: o torilne (linha espanta pássaros que atua como um espantalho, protegendo as iscas), a largada noturna dos anzóis (período em que os albatrozes raramente se alimentam) e o uso de um regime de peso que faz com que os anzóis afundem mais rapidamente para que as aves não os alcancem.

Como utilizar o guia

Desenvolvido como um folheto que pode ser carregado a bordo das embarcações ou baixado em formato PDF para leitura, o ‘Guia de Albatrozes e Petréis para Pescadores’ traz



informações úteis sobre as aves marinhas, as ameaças a que estão submetidas e uma seção especial com fotos e características que ajudam pescadores e demais interessados a identificar esses animais a partir da observação.

Além de imagens de corpo inteiro da ave em pleno voo ou na superfície da água, o guia também traz cortes específicos de áreas como frente e bico, que possuem importância na hora de definir a espécie do animal.

No total, são apresentadas 15 espécies, entre albatrozes e petréis, com detalhes como tamanho, medidas de bico e corpo, que podem facilitar a identificação utilizando o material informativo. Ao lado dos nomes das espécies, há também os nomes científicos e os seus atuais status de conservação conforme a Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN na sigla em inglês).

Além disso, o guia também reúne outras espécies que interagem no mesmo ambiente e podem ser confundidas com albatrozes e petréis, como: gaivotão (*Larus dominicanus*), fragata (*Fregata magnificens*), atobá-mascarado (*Sula dactylatra*), trinta-réis (*Sterna sp.*), entre outros.



Projeto Albatroz realiza curso para influenciadores digitais para amplificar mensagens sobre Década do Oceano

Formação capacitou profissionais locais para produzir conteúdo sobre conservação marinha e turismo sustentável

Stories, reels e posts no Instagram já são ferramentas comuns no dia a dia do brasileiro. Estima-se que 99 milhões estão ativos na plataforma, sendo mais de 30% deles pessoas entre 25 e 34 anos - consolidando o aplicativo como uma fonte importante de informações. Para capacitar produtores de conteúdo a explorar o potencial das redes sociais para amplificar mensagens sobre conservação marinha e turismo sustentável, o Projeto Albatroz organizou o curso 'Guardiões dos Lagos: influenciadores digitais pela Década do Oceano', realizado em fevereiro em Cabo Frio (RJ).

Geração atenta nas principais tendências da comunicação na juventude, o Coletivo Jovem Albatroz organizou o conteúdo da formação, que foi realizada no Hotel Nova Onda, com

apoio da Prefeitura de Cabo Frio e da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do município. O fio condutor do encontro foi a construção de conteúdos digitais colaborativos planejados, executados e divulgados pelos participantes e nas redes sociais do Projeto Albatroz (@projetoalbatroz).

De acordo com Thaís Lopes, educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, a formação permite que os participantes atuem como guardiões da flora e fauna locais, estimulando a conservação marinha da região. "Cabo Frio é uma cidade com um grande potencial turístico e por isso acreditamos que os influenciadores da cidade são peça-chave para disseminar informações e práticas sobre o oceano", explicou.



Identificando problemas

No primeiro momento do curso, os influenciadores foram convidados a mergulhar nos conceitos da Década do Oceano, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), para estimular a proteção e a produção de conhecimentos sobre este ecossistema até 2030 para sensibilizar a sociedade sobre sua conservação. Eles refletiram sobre a relação entre o turismo e a fauna oceânica e discutiram os impactos que essas atividades podem causar.

Em seguida, os influenciadores se dividiram em grupos para discutir o seu papel enquanto propagadores de informações e como elas podem ser relevantes para a construção de um oceano mais saudável e um turismo mais consciente.

No período da tarde, todos participaram de uma roda de conversa sobre comunicação ambiental a partir das estratégias desenvolvidas pelo Projeto Albatroz, trocando informações sobre questões relevantes como: linguagem, autenticidade, posicionamento, uso de ferramentas digitais, gestão de crise e divulgação científica.

Eles se dividiram em três grupos para produzir conteúdos próprios sobre as principais temáticas apontadas no curso: alimentação de aves marinhas, impacto da poluição sonora e descarte irregular de lixo. Eles contaram com o apoio do Projeto Albatroz na roteirização

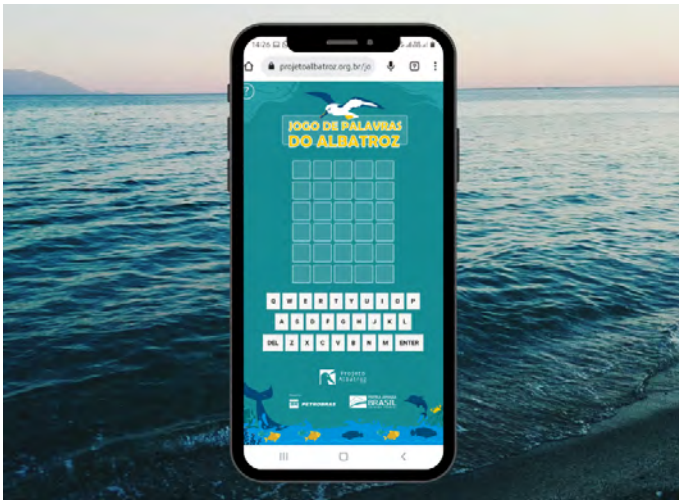
e produção de legendas que, em breve, estarão nas redes sociais da instituição por meio de collabs de conteúdo com a hashtag #guardioesdoslagos.

Para Danielle Cameira, consultora de comunicação do Projeto Albatroz e integrante do Coleto Jovem Albatroz, a troca de informações com os influenciadores e produtores de conteúdo permitiu entender as principais dúvidas e adequar os conteúdos para as diferentes mídias. “Assim, podemos trabalhar todos juntos para levar mensagens relevantes sobre a conservação marinha e o turismo sustentável na região de forma leve, divertida e com a identidade que cada um dos participantes usa para se comunicar com seu público”, apontou.

Para Victor Viana (@yourleft), influenciador e acadêmico da área de Biologia, a formação permitiu expor problemas enfrentados na Região dos Lagos que afetam diretamente a fauna marinha e, com a orientação do Projeto Albatroz, chegar a soluções digitais que respeitassem a tradição local e o turismo. “Foi um evento sensacional. A relação entre os humanos e o ambiente visitado tem que ser mútua e de grande valia para ambas as partes. Por isso, devemos respeitar as pessoas e os turistas também precisam respeitar de forma consciente o meio ambiente, para que encontrem todas as belezas naturais do nosso litoral quando retornarem”, afirmou.

Jogo de Palavras do Albatroz une diversão e pensamento lógico em prol da conservação marinha

Passatempo virtual foi lançado em comemoração aos 32 anos da instituição



Um dos principais objetivos estabelecidos pela Década do Oceano, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para direcionar ações globais entre os anos de 2021 e 2030, é a popularização do conhecimento sobre esse ecossistema tão rico e cheio de biodiversidade. Para contribuir com essa meta, aliando diversão, tecnologia e pensamento lógico, o Projeto Albatroz lançou o Jogo de Palavras do Albatroz, que pode ser acessado gratuitamente [neste link](#).

O passatempo virtual, lançado em homenagem aos 32 anos de trajetória do Instituto Albatroz, foi inspirado em um jogo de adivinhação de palavras popular na internet, chamado Letreco. A dinâmica sugere que os jogadores adivinhem um novo termo todos os dias, com seis tentativas para acertar todas as letras. Ao realizar as primeiras tentativas, as cores de cada letra ajudam a sinalizar se ela existe na palavra e está no lugar certo, se está presente mas no lugar errado, ou se não faz parte do vocábulo.

O jogador tem seis tentativas para acertar uma palavra, que pode variar entre cinco e nove letras. Ao acertá-la, o significado do termo aparece na tela, para que o jogador saiba mais detalhes sobre sua relação com a conservação do oceano e das espécies ameaçadas de

extinção que nele vivem, como é o caso de albatrozes e petréis.

Um exemplo de definição que também funciona como conteúdo educativo sobre conservação marinha é a do termo 'ameaça': "as aves oceânicas sofrem diversos tipos de ameaças que podem levar à extinção das espécies. Uma das principais ameaças é a captura incidental, que ocorre quando as aves são fígadas pelo anzol sem intenção pela pesca e podem morrer afogadas. No caso dos albatrozes e petréis, a interação com a pesca acontece principalmente no momento de largada das iscas ou quando seguem os barcos para se alimentarem do descartado da pescaria".

Gamificação do conhecimento

De acordo com a coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, Juliana Justino, a gamificação do conhecimento é uma valiosa aliada para a disseminação de conhecimentos científicos. "Os jogos despertam a curiosidade das pessoas, fazem com que elas se envolvam no assunto e se interessem de forma verdadeira por aquilo que estão jogando", explica. "Ao criarmos esse Jogo de Palavras, pensamos em fazer com que as pessoas mergulhem no mundo da conservação ao mesmo tempo em que se divertem com um game de pensamento lógico".

Também inspirado nas dinâmicas de jogos de tabuleiro, que fascinam pessoas de todas as idades, foi a criação, em 2018, do Jogo do Albatroz. Desenvolvido pelos integrantes do Coletivo Jovem Albatroz, o jogo de tabuleiro é aplicado em escolas e eventos como ferramenta de sensibilização ambiental. Nele, os jogadores trabalham em equipe como pescadores que precisam atravessar o oceano, pescar, e chegar ao porto de destino evitando a captura de albatrozes.



Da internet para as ruas: #AfetoOceano leva reflexão para a Praia do Perú, em Cabo Frio

Atividade propôs reflexões sobre a relação dos visitantes com o oceano e sua conservação

Trazer uma ação virtual para a orla da praia tem seus desafios. Adaptar mensagens, construir um fio condutor para a intervenção, produzir materiais interessantes, dialogar com as pessoas e provocar reflexões. Foi com o objetivo de transformar a #AfetoOceano em uma atividade presencial de troca com o público que o Coletivo Jovem Albatroz se organizou para realizar a ação na Praia do Perú, em Cabo Frio (RJ).

Em parceria com a Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do município, foi instalada uma tenda no calçadão da praia, onde visitantes, moradores e demais interessados puderam participar da intervenção, conversar sobre a conservação do oceano e conhecer mais sobre o Projeto Albatroz.

A intervenção #AfetoOceano foi criada em 2021, como parte da conclusão da formação 'Década do Oceano: a juventude na transformação da sociedade', que contou com a participação de jovens de 18 a 29 anos de todo o país. O produto foi uma série de três reels publicados no Instagram do Projeto Albatroz, que já foram assistidos por mais de 65 mil pessoas.

Para a construção da intervenção virtual, os mais de 20 integrantes do CJA se dividiram em grupos de roteiro, narração, captação de imagens e edição. Os jovens se preocuparam com alguns detalhes que fossem capazes de transformar os vídeos em experiências pessoais, sensíveis e inclusivas. Para isso, optaram por utilizar somente imagens feitas pelos próprios

integrantes, escolheram narradores de diferentes regiões do país, adicionaram legendas aos vídeos e também a hashtag #PraTodosVerem, que possibilita o acesso ao conteúdo para deficientes visuais.

Adaptação para o mundo material

Para transformar a intervenção virtual em material, os jovens se reuniram no mês de janeiro e pensaram em atividades que pudessem sensibilizar o público, gerar interesse no assunto, além de provocar a mesma reflexão da ação nas redes sociais: qual papel eu quero ter no futuro do oceano - aliado da conservação ou responsável pela sua degradação?

Desta forma, foram criados três momentos: no primeiro, os visitantes observam imagens ligadas à nossa relação com o oceano, montadas como um quebra-cabeça, em que uma peça está faltando - a peça é o próprio observador, que se identifica como parte daquilo.

No segundo, um painel investigativo ajuda a traçar uma rota de consumo consciente, por meio de perguntas que ajudam a identificar se a compra de determinado produto desejado pelo visitante é realmente necessária. Após obter essa resposta, o visitante se depara com um globo terrestre que mostra informações sobre

o impacto do lixo no oceano, na vida marinha e na saúde humana. A ideia desta etapa é mostrar que as ações locais geram um impacto global e não existe o termo 'jogar fora', pois todos os resíduos permanecem dentro do planeta Terra para as futuras gerações.

Já no último momento da intervenção, o visitante é convidado a observar uma piscina cheia de tampinhas de garrafa que simboliza o oceano em 2050, de acordo com um levantamento da Ellen MacArthur Foundation: com mais plástico do que peixes. No interior da piscina, um espelho convida o visitante a se observar e refletir sobre seu papel nesta realidade.

De acordo com a educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Thaís Lopes, a troca dos jovens com o público gerou impactos positivos. "Através das conversas, das trocas de experiências e das provocações feitas no decorrer da intervenção, pudemos perceber que as pessoas passaram a enxergar o impacto das suas ações diárias na saúde do oceano, que é tão presente e especial na vida delas", explica. "No final das contas, esse é um dos pilares desta Década do Oceano: identificar e ressaltar a importância desse complexo ecossistema na nossa história, lazer, trabalho, educação, religião, turismo, ciência e muito mais".





Coletivo Jovem Albatroz lança folder colaborativo sobre os caminhos para o desenvolvimento de lideranças na juventude

Documento também aborda o histórico do CJA, compila materiais acadêmicos sobre coletivos jovens de meio ambiente e traz orientações para organização.

Os coletivos jovens são uma maneira de garantir a voz das juventudes nas tomadas de decisão e potencializar a mobilização juvenil. Desde 2015, o Coletivo Jovem Albatroz (CJA) trilha o caminho de formar lideranças jovens para a conservação marinha, desenvolvendo intervenções, cursos, participação em políticas públicas e, claro, a formação de novas juventudes com o mesmo desejo de mudar a realidade. Com mais de seis anos de experiência como coletivo estruturado e referência para outros grupos do país, o CJA publicou seu primeiro folder colaborativo, disponível para download na biblioteca do Projeto Albatroz.

O conteúdo foi selecionado, produzido e editado por mais de dez jovens do CJA, com o apoio da

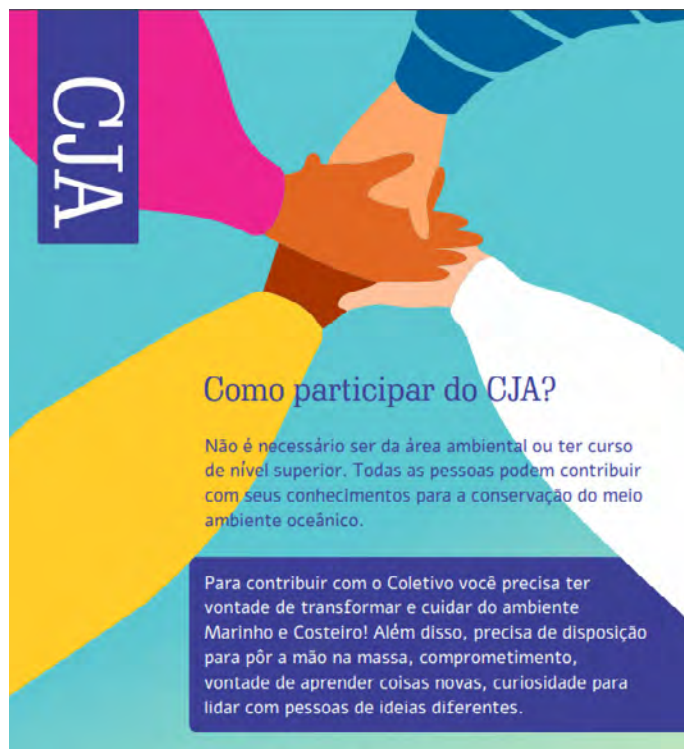
equipe de comunicação do Projeto Albatroz. A ideia é que a publicação oriente jovens por todo o país sobre os princípios orientadores dos grupos, as formas de estruturação, as condutas dos educadores e jovens participantes, além dos principais marcos históricos para as juventudes.

Pontapé inicial

No começo do ano, quando o Coletivo Jovem Albatroz divulgou as inscrições para o curso 'Década do Oceano: a juventude na transformação da sociedade', a equipe preparou uma breve cartilha sobre o que era o CJA, sua linha do tempo e como funcionavam as atividades, já que para muitos participantes aquele era o primeiro contato com um coletivo jovem.

Porém, no segundo semestre, quando receberam um pedido de ajuda dos jovens do Coletivo Paranã, de Ubatuba (SP), para orientações sobre como estruturar o próprio coletivo jovem, quais ações realizar e como se organizar veio a ideia de criar um material que abrangesse o maior número possível de informações sobre o tema. As orientações ao novo coletivo resultaram em uma formação e na intervenção artística 'Maré de Utopias'.

“Essa dificuldade de encontrar literatura surge porque as informações estão, em sua maioria, em artigos científicos ou publicações governamentais espalhadas pela internet”, explica a educadora ambiental responsável pelo Coletivo Jovem Albatroz, Thaís Lopes. “No CJA, nós decidimos então criar uma cartilha que facilitasse esse processo para os jovens, educadores e interessados na área para que tivessem todos esses documentos compilados em um único material”.



Transformando ciência em informação

O Coletivo Jovem Albatroz foi tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduação em Educação Ambiental e a Transição para Sociedades Sustentáveis de Thaís Lopes, que rendeu bons frutos não só para o enriquecimento teórico do folder, mas também para a formação dos jovens.

O trabalho trouxe de forma inédita uma série de condutas que o educador e o educando precisam ter para que o coletivo jovem funcione de maneira igualitária, horizontal, dialógica, em que todos se sintam pertencentes para contribuir e somar nas ações coletivas - algo que até então era entendido de forma prática pelos participantes.

“Nós trouxemos toda essa informação teórica, acadêmica e governamental sobre o que são coletivos jovens de meio ambiente, como eles funcionam dentro da perspectiva da educação ambiental, e transformamos tudo isso em um conteúdo acessível para todos”, explica Thaís.

Download: [Folder Coletivo Jovem Albatroz](#)

Rede Biomar lança vídeo sobre cultura oceânica para estimular ações de conservação marinha

A produção audiovisual realizada pelo Projeto Albatroz está disponível no YouTube da instituição



Apesar de diferentes, as espécies protegidas têm características em comum: encontram dentro do oceano as principais ameaças à sua sobrevivência, a interação com barcos e petrechos de pesca, aquecimento global, pesca proibida, acidificação do oceano e a poluição por resíduos humanos, como o lixo plástico. O Brasil é o quarto país que mais descarta materiais plásticos no mar atualmente, sendo responsável por mais de 11 milhões de toneladas de resíduos.

Responsável por mais de 97% da água do planeta, o oceano é uma peça fundamental para o equilíbrio da vida na Terra. E hoje, mais do que nunca, é necessário agir para garantir o futuro das próximas gerações. Com todas as atenções voltadas para este ecossistema tão rico e complexo, os projetos que integram a Rede Biomar, patrocinados pela Petrobras, lançaram uma produção audiovisual sobre a cultura oceânica para informar sobre as atividades realizadas em conjunto e também inspirar pessoas de todo o país a se engajarem no assunto. O vídeo está disponível no [YouTube do Projeto Albatroz](#).

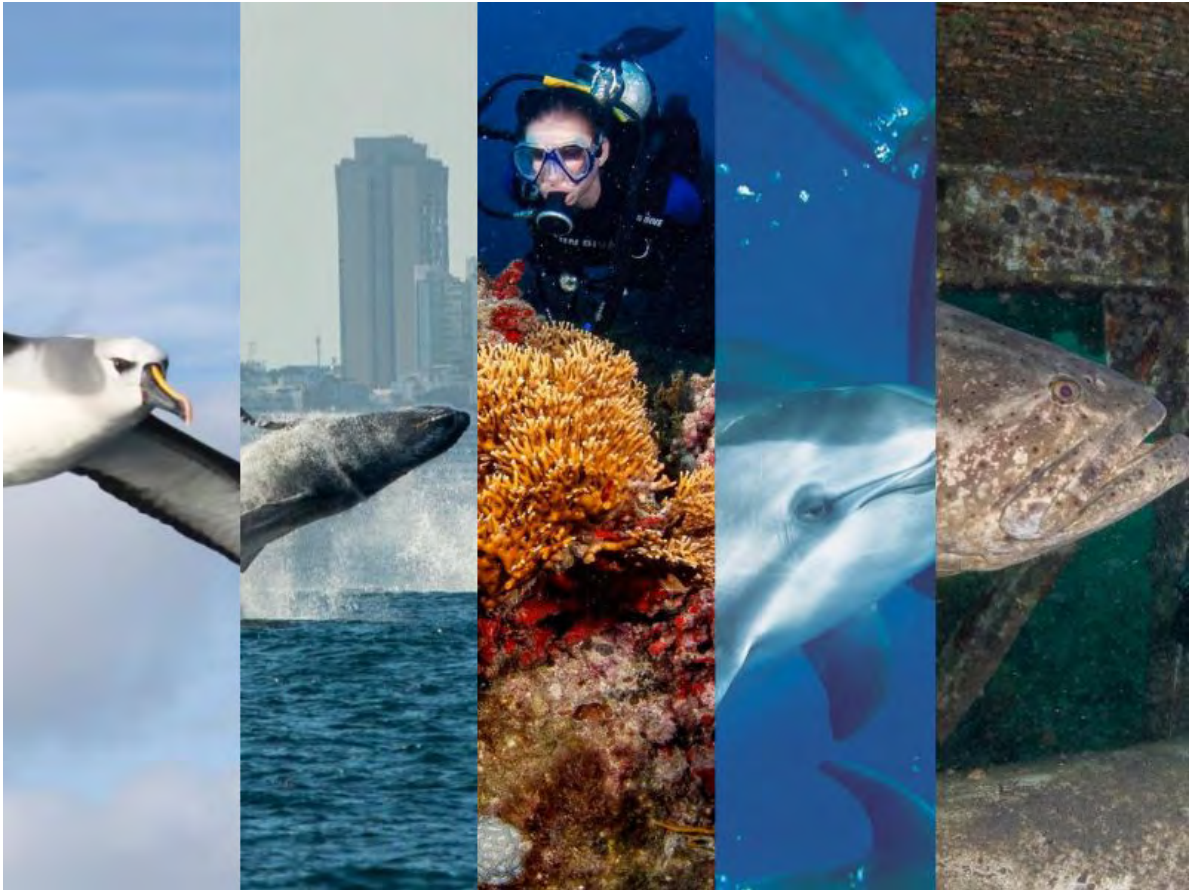
A produção chama atenção para o papel do oceano na manutenção da vida - sendo capaz de regular a temperatura do planeta, absorver gás carbônico, produzir oxigênio, oferecer alimento, transporte, além de ser fonte de esporte, lazer e cultura - e também para a relevância do trabalho realizado pela Rede Biomar na costa brasileira.

Formada pelos projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, patrocinados pela Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental, a Rede Biomar trabalha em conjunto na promoção de atividades de educação ambiental, comunicação e pesquisa em prol da conservação marinha.



Em consonância com a Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030), criada pela Unesco para promover a geração de conhecimento sobre o oceano e sua divulgação, o vídeo traz informações e imagens registradas pela Rede Biomar para que seja possível alcançar um oceano mais saudável, previsível, seguro, produtivo, acessível e valorizado por todos.

De acordo com Tatiana Neves, coordenadora geral e fundadora do Projeto Albatroz, o vídeo é uma prova de que a conexão de cada um de nós com o oceano é urgente e necessária. “Assim como cada um dos cinco projetos nasceu dessa forte conexão com o oceano e do desejo de mudança, a Rede Biomar trabalha para promover um oceano mais limpo e resiliente”, explica. “Ao encontrar a sua própria conexão com esse ecossistema, é possível agir a fim de conservá-lo para as próximas gerações”.



Exposição de fotos “Um oceano para todos” aproxima público de espécies ameaçadas no Museu Catavento

Mostra reúne imagens de albatrozes, baleias-jubarte, corais, golfinhos-rotadores e meros registradas por biólogos da Rede Biomar

No ano em que teve início a Década do Oceano, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para estimular a produção de conhecimento e a divulgação de informações sobre este ecossistema tão rico e complexo, a Rede Biomar, formada por cinco projetos ambientais patrocinados pela Petrobras, lança a exposição fotográfica ‘Um oceano para todos’..

Os projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Meros do Brasil, juntos, trabalham pela conservação de mais de 60 espécies marinhas ameaçadas de extinção na região marinha e costeira do Brasil, promovendo pesquisas científicas e políticas públicas aliadas à educação ambiental e a divulgação à sociedade. A dimensão deste trabalho é uma referência em ações de conservação nacional e internacionalmente atuando diretamente ao longo do litoral

de 13 estados brasileiros (PA, CE, RN, PE, AL, SE, BA, ES, RJ, SP, PR, SC, RS), incluindo áreas e ilhas oceânicas do Oceano Atlântico Sul. Muitos dos animais, apesar de essenciais à biodiversidade brasileira, estão longe dos olhos do público, que não conhece as belezas e a importância de sua conservação.

Para aproximar os visitantes das riquezas submersas em nossa costa, a exposição conta com 47 imagens registradas pelos biólogos e integrantes dos projetos da Rede Biomar. Cada projeto dispõe de um totem com informações sobre as espécies ameaçadas, a problemática que envolve sua sobrevivência e as ações que são tomadas em prol da sua conservação no Brasil.

Para Juliana Justino, coordenadora de comunicação do Projeto Albatroz, responsável pela

organização da mostra, a exposição é um convite para navegar pelo ambiente marinho. “Por meio das fotos capturadas pelos projetos da Rede Biomar, é possível se encantar pelos animais marinhos vivendo em seus habitats naturais, locais remotos e pouco acessíveis, mas que precisam de esforços para a conservação”, explica. “Acreditamos que só é possível proteger aquilo que conhecemos, por isso trouxemos fotos que aproximam estes animais dos visitantes”.

Navegando pela biodiversidade

Muitas das espécies que enriquecem o litoral brasileiro passam a maior parte do tempo em alto-mar, ou submersas em regiões distantes da costa. Um exemplo disso são os albatrozes, que nascem em ilhas remotas no Atlântico Sul e viajam todos os anos para o litoral brasileiro em busca de alimento e temperaturas mais amenas. Algumas espécies podem viver mais de 80 anos e atingir 3,5 metros de distância entre a ponta de uma asa e outra. A poluição do oceano e a interação com a pesca de espinhel são as principais ameaças à conservação deste grupo de aves, considerado o mais ameaçado do planeta e vivem a maior parte da vida em alto-mar, ficando longe dos olhos do público.

O Arquipélago de Abrolhos, na Bahia, é o principal berçário das baleias-jubarte em todo o Atlântico Sul. Todos os anos, a viagem destes mamíferos encantadores surpreende o público e engaja pesquisadores do Projeto Baleia Jubarte na sua conservação, que alia o conhecimento científico à geração de renda por meio do apoio ao Turismo de Observação de Baleias litoral do estado.

Altamente ricos em biodiversidade, frágeis e encantadores, os recifes de coral e ambientes coralíneos do Brasil guardam a maior diversidade dos mares. Os corais são fonte de alimento, produção de medicamentos, turismo e proteção da costa, mas são ameaçados pela ação humana, poluição do oceano e outros fatores externos. O Projeto Coral Vivo trabalha pela conservação e o

uso sustentável desses ecossistemas, protegendo dezenas de espécies na costa do Brasil, com uma série de pesquisas científicas, ações de educação, políticas públicas, comunicação e sensibilização da sociedade.

Em Fernando de Noronha, um local de natureza paradisíaca, mais de 99% dos golfinhos encontrados pertencem à família dos golfinhos-rotadores, que são protegidos pelo projeto de mesmo nome. Os rotadores são a terceira espécie de golfinho mais abundante no mundo, e a equipe do projeto realiza pesquisas para entender seu comportamento e a distribuição, além de como minimizar o impacto das atividades humanas sobre eles.

Os meros são peixes dóceis e curiosos, considerados a maior espécie de garoupa do Oceano Atlântico, podendo ultrapassar dois metros de comprimento. Eles podem viver mais de 40 anos, mas sua reprodução só se inicia por volta dos sete, quando se encontram anualmente para um fenômeno conhecido como agregação reprodutiva. Os meros são considerados criticamente ameaçados de extinção por fatores como a poluição, degradação dos ambientes marinhos-costeiros, pesca ilegal e também às fragilidades da sua biologia e ecologia.

No RJ: “Biomar: um legado para a humanidade”

O Aquário Marinho do Rio de Janeiro, o Aquário, maior aquário marinho da América Latina, também recebeu imagens especiais da biodiversidade marinha brasileira complementadas por informações multimídias e interativas na exposição “Biomar: um legado para a humanidade”, organizada pelo Projeto Meros do Brasil. A mostra surgiu como uma forma de valorizar a conservação marinha realizada no país, apresentando como os projetos atuam na manutenção da vida dessas espécies, diretamente conectadas com as vidas humanas, mas que, no entanto, ainda se apresentam pouco compreendidas e relacionadas para grande parte da população brasileira.